

SETEMBRO 2017



cinemateca

O CINEMA E A CIDADE I | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA | 1917 NO ECRÃ I
A CINEMATECA COM O MOTELX - O ESTRANHO MUNDO DO TERROR LATINO | IN MEMORIAM
JEANNE MOREAU | HISTÓRIAS DO CINEMA: PETER BAGROV / FRIDRIKH ERMLER
FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS | CINEMA NA ESPLANADA | CINEMATECA JÚNIOR

CINEMATECA JÚNIOR

SALÃO FOZ - RESTAURADORES

ÍNDICE

SALA M. FÉLIX RIBEIRO / ESPLANADA	
O CINEMA E A CIDADE I	3
A CINEMATECA COM O MOTELX	
O ESTRANHO MUNDO DO TERROR LATINO	5
SALA M. FÉLIX RIBEIRO / SALA LUÍS DE PINA	
LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA	6
SALA M. FÉLIX RIBEIRO	
1917 NO ECRÃ I	9
IN MEMORIAM JEANNE MOREAU	10
HOMENAGEM A DELFIM SANTOS	11
DOUBLE BILL	11
O QUE QUERO VER	11
ANTE-ESTREIAS	11
SALA LUÍS DE PINA	
HISTÓRIAS DO CINEMA: PETER BAGROV/FRIDRIKH ERMER	12
FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS	13
IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO)	13
HISTÓRIA PERMANENTE DO CINEMA PORTUGUÊS	14
COM A LINHA DE SOMBRA	14
ESPLANADA	
CINEMA NA ESPLANADA	14
SALÃO FOZ	
CINEMATECA JÚNIOR	2
CALENDÁRIO	15

AGRADECIMENTOS

Luis Miguel Cintra; António de Macedo, António-Pedro Vasconcelos, Catarina Ruivo, Edgar Pêra, Ivo M. Ferreira, João Constâncio, João Botelho, João Canijo, Joaquim Leitão, Joaquim Pinto, Jorge Cramez, Jorge Silva Melo, Lauro António, Nuno Leonel, Paulo d'Alva, Pedro Costa, Sandro Aguilar, Solveig Nordlund; Christian von Borries; Licínio de Azevedo; Matthias Müller; Victor Erice; Diederich Diederichsen; Peter Bagrov, Nicolai Borodatchov, Oleg Botchkov (Gosfilmofond Moscovo); João Monteiro (MOTELX); Carlos Carrilho (Maumaus); João Coimbra Oliveira (Linha de Sombra); Margarida Acciaiuoli; Filipe D. Santos (Comissão Nacional promotora das evocações do Cinquentenário do Falecimento de Delfim Santos); José Neves; Duarte de Lima Mayer; Luís Trindade, José Neves, Francisco Bairrão Ruivo, Fernando Rosas (Instituto de História Contemporânea/FCSH); Claudia Siefenr (Österreichisches Filmmuseum / Austrian Film Museum); Juha Kindberg (Finish Film Institut); Darko Dtrukej (Cinemateca Eslovena); Hannah Prouse (BFI); Maria Coletti, Laura Argento (Cineteca Nazionale); Marleen Labijt (Eye Institut); Eric Le Roy, Sophie Le Tetour (C.N.C.); Marc Scheffen (Cinémathèque du Luxembourg); Andre Schaublin (Cinémathèque Suisse); Christine Houard (Institut Français); Leandro Pardi (Cinemateca Brasileira); José Manuel Garcia (Filmoteca de la UNAM, México); Daniel Perez (Filmoteca Española), Pandora da Cunha Telles (Ukbar Filmes).

Capa **QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO**
de João César Monteiro



Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema
Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | Fax 213 523 189
cinemateca@cinemateca.pt | www.cinemateca.pt

Programa sujeito a alterações
Preço dos bilhetes: 3,20 Euros
Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas - > 65 anos - 2,15 euros
Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 euros
Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262

Horário da bilheteira:
Segunda-feira/Sábado, 14:30 - 15:30 e 18:00 - 22:00
(Cinema na Esplanada até 22h30)
Venda online em cinemateca.bol.pt | Não há lugares marcados
Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266
Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC

Biblioteca
Segunda-feira/Sexta-feira, 12:30 - 19:30

Sala 6 X 2, Sala dos Carvalhos e Sala dos Cupidos
Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 - 19:30 - entrada gratuita

Livraria LINHA DE SOMBRA
Segunda-feira/Sexta-feira, 13:00 - 22:00, Sábado, 14:30 - 22:00
Espaço 39 Degraus: Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 - 01:00
Transportes:
Metro: Marquês de Pombal, Avenida | bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745

Cinemateca Júnior | Salão Foz, Restauradores
Horário da bilheteira (11:00 - 15:00) | Venda online em cinemateca.bol.pt
Adultos - 3,20 euros; Júnior (até 16 anos) - 1,10 euros
Ateliers Família: Adultos - 6,00 euros; Júnior (até 16 anos) - 2,65 euros
Transportes:
Metro: Restauradores | bus: 736, 709, 711, 732, 745, 759
Salão Foz, Praça dos Restauradores 1250-187 Lisboa
tel. 213 462 157 / 213 476 129 - cinemateca.junior@cinemateca.pt

Setembro é o mês dos sustos na Cinemateca Júnior – nada é mais emocionante que darmos uns pulos na cadeira do cinema de vez em quando ou pormos as mãos à frente dos olhos com um bocadinho de medo. O Festival MOTELX dá-nos o mote e nós acompanhamos. A parceria da Júnior com o Lobo Mau – a secção infantojuvenil do Festival –, traz-nos duas compilações de curtas-metragens. Os filmes do programa pretendem estimular a imaginação dos mais pequenos e divertir toda a família com uma grande diversidade de monstros e criaturas, mundos fantásticos e imaginários. No final da sessão de sábado à tarde, haverá um mini-atelier surpresa inspirado no teatro de sombras. As sessões são abertas ao público mas também destinadas a grupos. Neste último caso, solicita-se marcação prévia até 5 de setembro.

Os outros sustos do mês são o filme de animação de 2006 A CASA FANTASMA; o assombroso E.T. de Spielberg; o gigante KING KONG de Peter Jackson; e o belíssimo PRINCESA MONONOKE. O “Atelier Família” do mês realiza-se a 30, às 11 horas. Em setembro inicia-se uma série de ateliers de cinema de animação, sendo o primeiro dedicado às “Técnicas do Cinema de Animação I – Recortes”. O Atelier é dirigido ao público entre os 7 e os 12 anos e requer marcação prévia até 26 de setembro para cinemateca.junior@cinemateca.pt só se realizando com um mínimo de dez participantes.

Salão Foz | Sáb. [2] 15:00

MONSTER HOUSE

A Casa Fantasma
de Gil Kenan
com Mitchel Musso, Maggie Gyllenhal, Jason Lee, Kathleen Turner (vozes)

Estados Unidos, 2006 – 91 min / legendado em português | M/6

Vivendo nos subúrbios da cidade, um garoto descobre que a casa vizinha, de fachada meio arruinada, guarda segredos perigosos, pois tudo o que é lançado para o quintal desaparece misteriosamente. Quando uma amiga também desaparece, o garoto junta-se a um amigo e tenta encontrá-la. Descubrem, assustados, que a casa “fantasma” está “viva”! Aventuras de animação.

Salão Foz | Qui. [7] 15:00 | Sáb. [9] 15:00

A JÚNIOR COM O MOTELX – SUSTOS CURTOS (PROGRAMA I)

ONCE UPON A BLUE MOON

“Era Uma Vez a Lua Azul”
de Steve Boot

Reino Unido, 2015 – 3 min

MOROSHKA

“Amoras”
de Polina Minchenok

Rússia, 2015 – 8 min

STEADFAST STANLEY

“O Inabalável Stanley”

de John Cody Kim
Estados Unidos, Canadá, 2014 – 4 min

MYTHOPOLIS

“Mitópolis”
de Alexandra Hetmerova

República Checa, 2014 – 12 min

CAS ZA VEČERJO

“A Hora do Jantar”
de Filip Bihar

Eslovénia, 2016 – 1 min

ELECTROFLY

“Mosca Elétrica”

de Natália C. A. Freitas

Alemanha 2015 – 3 min

VOLTAIRE

de Jan Snoekx

Bélgica, Holanda, 2015 – 12 min

PAUTINKA

“A Teia”

de Natalya Chernysheva

Rússia, 2016 – 4 min

JOHNNY EXPRESS

de Woo Kyungmin

Coreia do Sul, 2014 – 5 min

duração total da projeção: 52 min / sem diálogos | M/6

O alinhamento do programa propõe uma série de curtas-metragens provenientes e vários pontos do mundo com criaturas fantásticas. Para divertir o nosso público mas também para provocar alguns calafrios. Primeiras exposições na Cinemateca. *No final da sessão de sábado, 9, há um atelier surpresa para os espectadores.*

Salão Foz | Sex. [8] 15:00

A JÚNIOR COM O MOTELX – SUSTOS CURTOS (PROGRAMA II)

MARCELLAS

de Marcella Furtado, Regina Resende, Silvano Faria, Tomás Gobbo

Brasil, 2014 – 2 min

DASHA Y LUDOED

“Dasha e o Canibal”

de Nataliya Surinovich

Rússia, 2015 – 5 min / legendado eletronicamente em português

SETTLING

“O Homem de Neve”

de Emma McCann

França, Reino Unido, 2014 – 8 min

ALMA

de Rodrigo Blaas

Espanha, 2009 – 5 min

THE WITCHING HOUR

“A Hora da Bruxa”

de Riley Geis

EUA, 2016 – 12 min / legendado eletronicamente em português

TICTACTÓPOLIS

“Tictactópolis”

de José Sierra

México, 2014 – 5 min

UNA AVENTURA DE MIEDO

“Uma Aventura de Medo”

de Cristina Vilches

Espanha, 2015 – 10 min / legendado eletronicamente em português

ESCARGORE

de Oliver Hilbert

Nova Zelândia, 2015 – 5 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 52 min | M/12

Segunda sessão de curtas-metragens internacionais programada com o MOTELX, estas dirigidas a um público mais velho, com almas do outro mundo, monstros e outras personagens terríficas. Primeiras exposições na Cinemateca.

Salão Foz | Sáb. [16] 15:00

E.T., THE EXTRA-TERRESTRIAL

E.T., o Extra-Terrestre

de Steven Spielberg

com Dee Wallace, Henry Thomas, Peter Coyote, K.C. Martel, R

obert MacNaughton, Drew Barrymore, C. Thomas Howell

Estados Unidos, 1982 – 115 min / legendado em português | M/6

O mais célebre filme de ficção científica jamais feito é também um belíssimo “conto de fadas”, materializado pela magia de Steven Spielberg. Num cenário de história de fadas (a nave “chaleira”, as bicicletas voadoras, a noite do Halloween), Spielberg conta a história de um pequeno “alien” esquecido na Terra e que se refugia numa casa onde as crianças o escondem e o ajudam na sua odisséia para regressar a casa. Um deslumbramento.

Salão Foz | Sáb. [23] 15:00

KING KONG

King Kong

de Peter Jackson

com Naomi Watts, Jack Black, Adrien Brody, Thomas Kretschmann

Estados Unidos, 2005 – 187 min / legendado em português | M/12

Nova versão do clássico KING KONG de 1933 que inovou o cinema fantástico do seu tempo. O filme de Peter Jackson, autor de O SENHOR DOS ANEIS, é um brilhante trabalho no cinema de aventuras, explorando uma profusão de efeitos digitais para as sequências em que Kong enfrenta os animais pré-históricos e para a sua fabulosa fuga pela cidade de Nova Iorque. Um dos grandes filmes de ação e aventura do cinema contemporâneo.

Salão Foz | Sáb. [30] 11:00

ATELIER FAMÍLIA

AS TÉCNICAS DO CINEMA DE ANIMAÇÃO I - RECORTES

conceção e orientação: Teresa Cortez

dos 7 aos 12 anos | duração: 2 horas

O que é o cinema de animação? Será que posso fazer um filme em animação? Este é o primeiro de uma série de Ateliers em que vamos perceber que o cinema de animação pode ser feito de diversas formas. Para lá do desenho, podemos utilizar areia, pintura, recortes, objetos e pessoas, entre outros materiais. Neste Atelier de 30 de setembro vamos animar com recortes e no Atelier de dia 28 de outubro, com areia. Vem experimentar estas técnicas e fazer um pequeno filme em animação! Marcação prévia até 26 de setembro para cinemateca.junior@cinemateca.pt.

Salão Foz | Sáb. [30] 15:00

MONONOKE HIME

Princesa Monoke

de Hayao Miyazaki

com Yoji Matsuda, Yuriko Ishida, Yuko Tanaka (vozes)

Japão, 1997 – 134 min / legendado em português | M/6

O mais famoso filme de um dos mestres da moderna animação japonesa, e uma das suas obras-primas, de incomparável carga poética. Conta a lenda de um príncipe infetado por uma misteriosa e mortal doença transmitida por um deus javali. Em busca de cura, errará pela floresta, acabando por ser envolvido numa batalha entre os exploradores de uma mina que está a destruir o ambiente, e os animais da floresta conduzidos pela princesa

SALA M. FÉLIX RIBEIRO / ESPLANADA

O CINEMA E A CIDADE I

Perante as transformações evidentes que têm afetado os modos de receção dos filmes, e perante a transformação evidente da natureza, da implantação e do modo de usufruto das salas de cinema nas cidades contemporâneas, a Cinemateca organiza um conjunto de iniciativas através das quais propõe uma reflexão sobre o binómio cinema-cidade, tentando mergulhar mais fundo na evolução cruzada e nos impactos mútuos desses dois polos.

Tal como previamente anunciado no sítio web da Cinemateca, estas iniciativas têm início em setembro e englobam um Ciclo que se prolongará por outubro e novembro, um colóquio de dois dias sobre o mesmo tema (28 e 29 de setembro), e ainda uma série de sessões com projeção e debate a realizar fora da Cinemateca, em vários pontos do território nacional, ao longo dos meses seguintes.

Desde as suas origens o cinema surgiu indissociavelmente ligado às cidades, cujas ruas se transformam em espaços eminentemente cinemáticos conotados com uma forma de experiência da velocidade e do movimento, como tão bem revelam alguns dos escritos que melhor caracterizaram tal sensibilidade urbana moderna, de Charles Baudelaire a Walter Benjamin. Não só as cidades são um dos grandes temas dos primeiros “travelogues”, de Lumière a Edison, como é nas cidades que se concentram as primeiras grandes salas pensadas para acolher especificamente o cinema, que ao longo de mais de um século conhecerão profundas transformações. Mas é também às cidades que é dedicado um conjunto de “sinfonias urbanas” que, a partir dos anos vinte, toma grandes e pequenas metrópoles e os seus habitantes como protagonistas, e que encontra em MANHATTA, de Paul Strand e Charles Sheeler, e em BERLIM, SINFONIA DE UMA CAPITAL, de Walter Ruttmann, dois dos seus filmes fundadores. Um género que inclui DOURO, FAINA FLUVIAL, de Manoel de Oliveira, e que conhecerá até hoje as mais diversas ramificações apresentando-se na origem de uma categoria mais vasta que podemos classificar como “filmes de cidades”.

Envolvendo 46 programas com perto de 100 filmes, o Ciclo inicia-se no dia 2 de setembro com uma jornada de programação especial e apresenta várias vertentes que necessariamente se recobrem, em que se destacam filmes privilegiadamente ligados a uma cidade, que a tomam como centro e que participam ativamente da construção do imaginário dessa mesma cidade, contribuindo para uma reflexão sobre ela. Categoria vasta que atravessa diferentes géneros, incluindo títulos em que a experiência cinematográfica se funde com o urbano, transformando-o ao mesmo tempo em base de pesquisa formal e metáfora orgânica, das sinfonias urbanas das primeiras vanguardas até aos filmes-ensaio do presente ou a um cinema mais experimental. Numa relação mais direta com o colóquio, o programa envolve ainda um núcleo de filmes cujo objeto é a própria experiência da sala de cinema e a transformação das salas nas suas conexões com a vivência urbana.

Para lá das referidas “sinfonias urbanas”, a relação entre o cinema e a construção do imaginário de cidades concretas encontra o seu exemplo paradigmático num filme como LOS ANGELES PLAYS ITSELF, pois aqui Thom Andersen faz da ficção matéria documental para abordar uma história de L.A. à luz da montagem de fragmentos de filmes dos mais variados períodos e géneros. Um apurado trabalho arqueológico sobre a memória do cinema/das cidades, presente em outros filmes do programa como HELSINKI IKUISESTI de Peter von Bagh, BERLIN 10/90, de Robert Kramer, EUREKA, de Ernie Gehr, ou LONDON, de Patrick Keiller, que cruzam frequentemente uma dimensão histórica com geografias pessoais. Por outro lado, são muitas as cidades que se confundem com as suas representações, pois para muitos Paris é a Paris da Nouvelle Vague, Roma, a Roma de Fellini ou de Rossellini, Tóquio, a cidade de Ozu, e Nova Iorque a grande metrópole retratada por tantos como Scorsese, Woody Allen ou Andy Warhol.

Há outros filmes que traduzem o modo contrastante como o século XX olhou para as cidades, entre as utopias de uma cidade moderna, expressas pela primeira vanguarda americana ou por autores como King Vidor, e os medos de um futuro mais sombrio (METROPOLIS, BLADE RUNNER), mas também PLAYTIME, de Jacques Tati. Partindo de uma pluralidade de géneros, períodos, escolas e cinematografias que traduzem a diversidade de cidades retratadas – do neorealismo aos cinemas novos e ao cinema negro, e incluindo vertentes contemporâneas e mais experimentais –, este é um Ciclo que podia estar na origem de muitos subciclos dedicados a motivos específicos como a relação da cidade com as suas periferias e as comunidades migrantes e marginais, a ruralidade, a arquitetura e urbanismo, etc. Questões necessariamente afloradas, mas não aqui exploradas em profundidade. As ruas são o grande palco deste programa que, atravessando mais de um século de cinema, assume as cidades como protagonistas.

► Sala M. Félix Ribeiro | Sáb. [2] 15:30

► Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [7] 15:30

MANHATTA

de Paul Strand, Charles Sheeler

Estados Unidos, 1921 – 10 min / mudo, com intertítulos em inglês, legendados eletronicamente em português

METROPOLIS

Metrópolis

de Fritz Lang

com Alfred Abel, Brigitte Helm, Rudolf Klein-Rogge, Gustav Fröhlich, Fritz Rasp

Alemanha, 1927 – 149 min / versão sonorizada, com intertítulos em alemão legendados eletronicamente em português

duração total da projeção: 159 min | M/12

MANHATTA é cronologicamente a primeira “sinfonia urbana” que se conhece e um marco na história do modernismo. Partindo de um poema de Walt Whitman e realizado pelo famoso fotógrafo Paul Strand e pelo pintor e fotógrafo Charles Sheeler,

justapõe às palavras do escritor imagens de forte carga poética de Nova Iorque, um hino a Manhattan e à cidade moderna. É sob a influência de uma visita a Nova Iorque em 1924 que Lang realiza um dos mais célebres filmes sobre uma cidade imaginada. METROPOLIS é uma parábola sobre as relações sociais numa cidade do futuro. Os privilegiados vivem nas alturas, enquanto a massa de trabalhadores oprimidos vive nos subterrâneos, trazendo o desenlace uma reconciliação artificial entre as classes. O que faz de METROPOLIS uma obra-prima é a realização de Fritz Lang, os impressionantes e excecionais cenários futuristas, o domínio absoluto das massas de figurantes, a oposição entre homens e máquinas. É uma obra conhecida pela mutilação a que foi submetida logo depois da sua estreia, que apresentamos na versão do restauro realizado em 2010 a partir da descoberta na Cinemateca Argentina de uma cópia que continha a quase totalidade das cenas perdidas da versão original. Segundo o historiador e arquivista responsável pelo restauro, Martin Koerber, a versão do restauro permite uma nova visão de METROPOLIS. Partindo de Nova Iorque, a sessão introduz diferentes visões da cidade moderna, espelhando um confronto entre as utopias/distopias urbanas que marcaram o imaginário do século XX.



OS VERDES ANOS

JORNADA DE ABERTURA DO PROGRAMA O CINEMA E A CIDADE

Bilhete Especial para a jornada de 2 de setembro no valor de cinco euros, abrangendo as três sessões do dia, disponível para aquisição “online” a partir de 22 de agosto.

Possibilidade de Refeição-Buffer na Esplanada 39 Degraus no valor de nove euros, antes da sessão da noite.

Entre as 14 horas e as 20 horas, a livraria Linha de Sombra organiza uma Feira do Livro Manuseado na Esplanada 39 Degraus.

► Sala M. Félix Ribeiro | Sáb. [2] 18:30

LOS ANGELES PLAYS ITSELF

de Thom Andersen

Estados Unidos, 2003 – 169 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ensaio cinematográfico sobre as representações no cinema de Los Angeles, aqui olhada como cenário, personagem e tema a partir de múltiplos fragmentos de filmes que assim a fixaram, Thom Andersen é eclético nos filmes e géneros que convoca para este extraordinário trabalho de montagem muito atravessado pela ironia e pelo humor, desde grandes clássicos de Hollywood que transformam L.A. na metáfora do crime organizado, a filmes como CHINATOWN ou BLADE RUNNER, mas recorrendo também a um cinema mais marginal (que Andersen ajudou a resgatar do esquecimento), como KILLER OF SHEEP de Charles Burnett ou THE EXILES de Kent MacKenzie. “Os filmes apagam o seu rasto, deixando-nos com o que querem que vejamos, passando a outra coisa qualquer. (...) Mas se observarmos com a nossa atenção voluntária, em vez de nos deixarmos dirigir pelos filmes? Se podemos apreciar os documentários pelas suas qualidades dramáticas, também podemos apreciar os filmes de ficção pelas suas revelações documentais” (Thom Andersen).

► Esplanada | Sáb. [2] 22:30

IL GIORNO DELLA PRIMA DI CLOSE UP

de Nanni Moretti

com Nanni Moretti

Itália, 1996 – 7 min / legendado eletronicamente em português

PLAYTIME

Playtime – Vida Moderna

de Jacques Tati

com Jacques Tati, Barbara Dennek

França 1967 – 155 min / legendado em português

duração total da projeção: 162 min | M/12

IL GIORNO DELLA PRIMA DI CLOSE UP coloca mais diretamente a questão da sala de cinema na sua relação com a cidade. Com um imenso humor Nanni Moretti revela-nos as suas obsessões enquanto proprietário de um cinema de bairro em Roma que se

SALA M. FÉLIX RIBEIRO / ESPLANADA

prepara para estrear CLOSE UP de Kiarostami, o que contrasta com o número de espectadores e a massiva distribuição de O REI LEÃO, da Disney. PLAYTIME é uma sátira à vida moderna, à uniformização urbana e à mecanização, filmado numa cidade em estúdio, que prefigura La Défense, em Paris, na altura em construção. Um universo de torres de vidro e de escritórios e automóveis substitui um mundo antigo, que nos chega através de reflexos com o Sr. Hulot, alter ego de Tati, provocando o caos numa sofisticada zona residencial e durante a inauguração de um luxuoso restaurante. A mestria dos gags dos grandes mestres do burlesco alia-se a um requinte de pormenores, desde os gestos mais insignificantes do dia a dia a uma sugestiva crítica à despersonalização do meio ambiente, em nome da eficácia e da rentabilidade. A banda sonora é um prodigioso emaranhado de sons e ruídos, que quase tornam supérflua a palavra. O filme de Moretti é uma primeira exibição na Cinemateca. *PLAYTIME está igualmente programado no Ciclo "Luis Miguel Cintra no Cinema", com uma segunda passagem a 4, às 15h30 (ver entrada respetiva).*

- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [5] 15:30**
- ▶ **Esplanada | Sáb. [9] 22:30**

ROMA

Roma de Fellini
de Federico Fellini

com Federico Fellini, Peter Gonzalez Falcon, Stefano Mayor
Itália, 1972 – 125 min / legendado em espanhol | M/12

Um dos filmes mais amados de Fellini, canto de amor à capital italiana, que também é a sua cidade adotiva. O filme reúne lembranças de infância na escola sobre a Roma imperial, a chegada de um jovem provinciano à capital, visitas a um bordel, um desfile de modas eclesiástico, festas de rua, espetáculos em teatros poeirentos, discussões entre Fellini e estudantes, as breves presenças de personalidades como Anna Magnani e Gore Vidal. ROMA é um filme sobre a memória, que assinala uma depuração no estilo do realizador e que, a par de LA DOLCE VITA (1959), é uma das maiores representações de Roma no cinema.

- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [5] 19:00**
- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [6] 15:30**

TOKYO MONOGATARI

"Viagem a Tóquio"
de Yasujiro Ozu

com Chishu Ryu, Chieko Higashiyama, Setsuko Hara
Japão, 1953 – 136 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Conhecido em inglês como TOKYO STORY, foi o filme através do qual os espectadores ocidentais descobriram tardiamente o cinema de Ozu, em meados dos anos setenta. Um velho casal vai visitar os filhos a Tóquio, mas estes não têm tempo para a atenção devida. Tal é o pretexto para Ozu abordar o tema central do seu cinema na fase final da sua obra, a dissolução de uma família, a separação dos membros que a compõem, a resignação diante daquilo que muda. Um momento sublime de cinema, um cineasta no apogeu da sua arte que filma uma cidade em plena transformação.

- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [5] 21:30**
- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [8] 15:30**

NADJA A PARIS

de Eric Rohmer

com Nadja Tesich
França, 1964 – 13 min / legendado eletronicamente em português

LE SIGNE DU LION

de Eric Rohmer

com Jess Hahn, Jean Le Poulain
França, 1959 – 100 min / legendado eletronicamente em português
duração total da projeção: 113 min | M/12

NADJA A PARIS acompanha as deambulações de Nadja, jovem estudante estrangeira que explora Paris. As ruas, os cafés e o espaço da cidade universitária são dissecados por este curto filme de Rohmer. LE SIGNE DU LION, o seu tardio filme de estreia, feito quando o realizador tinha 39 anos, não se inscreve no projeto de realizar uma série de filmes à volta dos mesmos temas, como este o fará com os seis contos morais, as comédias e provérbios ou os contos das quatro estações. Nesta história sobre um americano de Paris, com pouco dinheiro e reduzido à mendicância durante o mês de agosto, quando todos os seus amigos estão de férias, a ação é menos conduzida pelo verbo do que nos filmes posteriores de Rohmer – as personagens não vivem como se fossem personagens de romance. Mas o rigor e o humor do realizador são os mesmos. E como tantos filmes da Nouvelle Vague, LE SIGNE DU LION é um grande filme sobre Paris. NADJA A PARIS é mostrado pela primeira vez na Cinemateca.

- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [6] 21:30**

MANHATTA

de Paul Strand, Charles Sheeler

Estados Unidos, 1921 – 10 min / mudo, com intertítulos em inglês, legendados eletronicamente em português

RIEN QUE LES HEURES

de Alberto Cavalcanti

França, 1926 – 45 min / mudo, intertítulos legendados eletronicamente em português

BERLIN, DIE SYMPHONIE DER GROSSTADT

Berlim, Sinfonia de uma Capital
de Walter Ruttmann

Alemanha, 1927 – 66 min / mudo, sem intertítulos
duração total da projeção: 121 min | M/12

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO

MANHATTA é cronologicamente a primeira “sinfonia urbana” que se conhece e um marco na história do modernismo. Partindo de um poema de Walt Whitman e realizado pelo famoso fotógrafo Paul Strand e pelo pintor e fotógrafo Charles Sheeler, MANHATTA justapõe às palavras do escritor imagens de forte carga poética de Nova Iorque, um hino a Manhattan e à cidade moderna. RIEN QUE LES HEURES do brasileiro Alberto Cavalcanti antecipa também uma sinfonia como BERLIN ao acompanhar o ritmo de um dia na vida de Paris. BERLIN, DIE SYMPHONIE DER GROSSTADT é o mais célebre e o mais perfeito dos filmes feitos em meados dos anos vinte sobre as diversas atividades de uma cidade, Berlim, que é a protagonista. A influência exercida por esta obra de Ruttmann foi enorme, e acabou por dar nome a um género: sinfonias das cidades.

- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [7] 19:00**

LONDON

de Patrick Keiller

Reino Unido, 1994 – 85 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Os ensaios cinematográficos de Patrick Keiller, LONDON, ROBINSON IN SPACE e ROBINSON IN RUINS, desenham um mapa não-linear da evolução histórica e política da cidade de Londres e do Reino Unido em geral. O extraordinário retrato que Keiller faz de Londres reimagina a cidade através das explorações do “investigador” Robinson, que nunca vemos, e do seu igualmente invisível companheiro, o narrador do filme (Paul Scofield), “tentando conjugar duas linhagens de pensamento crítico: por um lado, a literatura urbana de Poe, Baudelaire, Louis Aragon, Walter Benjamin, entre outros; por outro lado, as visões diversas do declínio do capitalismo inglês, em particular a ideia de que a Inglaterra é uma economia em decadência e atrasada por nunca ter tido uma revolução burguesa de sucesso” (Patrick Keiller).

- ▶ **Esplanada | Sex. [8] 22:30**

PARIS VU PAR

Paris Visto Por...

de Jean Douchet, Jean Rouch, Jean-Daniel Pollet, Eric Rohmer, Jean-Luc Godard, Claude Chabrol

com Barbet Schroeder, Stéphane Audran, Claude Melki, Claude Chabrol

França, 1965 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Neste filme em episódios, um formato muito em voga nos anos sessenta, cinco histórias separadas são situadas em cinco bairros diferentes de Paris e todas, à exceção do episódio de Rohmer, contam histórias de casais, além de serem em prática uma conceção do cinema. Um filme cheio de humor, notável tanto por cada uma das suas partes, como pelo seu conjunto. Paris foi uma das personagens principais da Nouvelle Vague e este é mais um grande filme sobre Paris e sobre os anos sessenta. Na opinião de Jean Douchet, um dos críticos mais brilhantes e eruditos da sua geração e autor de um dos segmentos de PARIS VU PAR, trata-se do “último filme de Nouvelle Vague enquanto movimento organizado e o seu único manifesto cinematográfico”.

- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [12] 15:30**
- ▶ **Esplanada | Sex. [15] 22:30**

BLADE RUNNER

Perigo Iminente

de Ridley Scott

com Harrison Ford, Rutger Hauer, Sean Young, Daryl Hannah

Estados Unidos, 1982 – 117 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma visão do futuro sobre a cidade de Los Angeles, marcada pelo pessimismo algures no século XXI. Apesar da proclamada filiação em METROPOLIS, de Fritz Lang, BLADE RUNNER, inspirado num conto de Philip K. Dick, é exemplar da transformação da configuração da cidade no cinema e influenciou nitidamente filmes como BATMAN, BATMAN RETURNS e DICK TRACY. Um filme emblemático do fim da cidade racional, substituída por uma cidade sem centro, caótica, imunda e eternamente noturna, sem forma.

- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [12] 19:00**

THE DUBAI IN ME

de Christian Von Borries

Alemanha, 2010 – 78 min / legendado eletronicamente em português | M/12

THE DUBAI IN ME é um surpreendente retrato do emirado árabe: “O Dubai talhou para si próprio a reputação de objeto teórico. É assim que Christian von Borries o aborda, e o que justifica o seu título. Designa-se aqui menos o pitoresco de uma cidade mercantil erigida por magia e marcada por arquiteturas faraónicas, do que o modelo de uma utopia liberal realizada (...). Jogando com tipologias de imagens e com a ortodoxia documental, divertindo-se com vozes off, a inscrição de textos, etc., ao que assistimos é a um alegre jogo de massacre” (Jean-Pierre Rehm).

- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [12] 21:30**

TOMBÉE DE NUIT SUR SHANGHAI

de Chantal Akerman

Portugal, 2007 – 15 min / sem diálogos

ER SHI SI CHENG JI KA / 24 CITY

de Jia Zhangke

China, 2008 – 107 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 122 min | M/12

Integrando o filme coletivo O ESTADO DO MUNDO, TOMBÉE DE

NUIT SUR SHANGHAI resulta do desejo de Akerman em registar “um mundo onde as imagens estão por toda a parte, onde todas as culturas se misturam num concerto ensurdecedor, tudo em vídeo. Os barcos, os edifícios, não são mais do que imensos ecrãs. Há prazer em lá estar mas há também outra coisa, tudo aquilo faz refletir ainda mais sobre as imagens que se erigem como totens.” 24 CITY retrata as transformações de uma outra cidade chinesa por Jia Zhangke no momento do fecho de uma grande fábrica. Com HISTÓRIAS DE SHANGHAI (2010) ou O MUNDO (2004), 24 CITY é um acutilante retrato da China urbana contemporânea em plena transformação e o seu impacto na cultura tradicional por um dos mais interessantes cineastas do presente.

- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [13] 21:30**

BRASÍLIA, CONTRADIÇÕES DE UMA CIDADE NOVA

de Joaquim Pedro de Andrade

Brasil, 1967 – 23 min | M/12

A CIDADE É UMA SÓ

de Adirley Queirós

Brasil, 2011 – 80 min

VACANCY

de Matthias Müller

Alemanha, 1998 – 14 min

duração total da projeção: 117 min | M/12

Realizado sete anos depois da inauguração da nova capital brasileira, BRASÍLIA, CONTRADIÇÕES DE UMA CIDADE NOVA fala de uma cidade construída sobre a ilusão de que a arquitetura e o urbanismo podem resolver os problemas sociais. Adirley Queirós tem dedicado vários filmes a Brasília e às suas cidades-satélite e em A CIDADE É UMA SÓ convoca a evolução da região nos últimos 50 anos através de cinco personagens que se somam à própria cidade. VACANCY: Brasília, a “cidade da esperança”. “A derradeira utopia do século XX” (Umberto Eco) está a ser hoje conservada como uma herança cultural. Um sítio com a idade do realizador. Segmentos de filmes amadores e de longa-metragem filmados no local, nos anos sessenta, são inseridos no filme de 1998 de Matthias Müller. A cidade utópica representada em “Vacancy” é um lugar abandonado pelos seus habitantes, um museu mantido vivo apenas pelo seu pessoal. A CIDADE É UMA SÓ é uma primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [14] 15:30**
- ▶ **Esplanada | Sáb. [16] 22:30**

TAXI DRIVER

Taxi Driver

de Martin Scorsese

com Robert de Niro, Cybill Shepherd, Jodie Foster, Harvey Keitel, Peter Boyle

Estados Unidos, 1976 – 113 min / legendado em espanhol | M/16

A figura do taxista é uma personagem eminentemente cidadina e TAXI DRIVER, um dos filmes fundamentais da década de setenta, dirigido por Scorsese segundo um argumento de Paul Schrader, é talvez a sua maior representação. É uma obra profundamente pessimista, sobre um ex-veterano do Vietname, marcado e traumatizado pelo drama que viveu e que percorre, de noite, em deambulações pela cidade, outro “inferno”: o submundo de Nova Iorque. O percurso de Travis (De Niro) culmina num massacre que se pretende redentor. Num dos momentos mais emblemáticos do filme, a personagem insiste em perguntar à sua imagem refletida num espelho: “Are you talking to me?”.

- ▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [14] 18:00**

HOJE ESTREIA

de Fernando Lopes

Portugal, 1967 – 8 min

VAMOS AO NIMAS

de Lauro António

Portugal, 1974 – 18 min

A CIDADE DE CASSIANO

de Edgar Pêra

Portugal, 1991 – 26 min

duração total da projeção: 52 min | M/12

Em HOJE ESTREIA Fernando Lopes acompanha a reconstrução do Condes (inaugurado em 4 de fevereiro de 1916), depois do incêndio que ali deflagrou em 1967. Um pretexto para uma evocação dos pioneiros do cinema e de um certo estilo de vida lisboeta associado ao Condes, mas também ao Animatographo do Rossio e ao Olympia. VAMOS AO NIMAS é um roteiro pelas velhas salas de Lisboa e suas periferias: os que desapareceram e os que sobrevivem. Lauro António questionava assim, em 1974, onde estava um cinema verdadeiramente popular. Primeiro título oficial da filmografia de Edgar Pêra, A CIDADE DE CASSIANO (Grande Prémio da Biennale International du Film d’Architecture e Prémio Crítica Festival Filmes de Arte Montreal em 1991) partiu de uma encomenda da exposição Cassiano Branco realizada no Éden, apresentando-se como uma “cine-síntese da obra arquitetónica de Cassiano Branco”.

SALA M. FÉLIX RIBEIRO / ESPLANADA

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [19] 15:30**
 ▶ **Esplanada | Sex. [22] 22:30**

THE THIRD MAN

O Terceiro Homem
 de Carol Reed

com Joseph Cotten, Alida Valli, Orson Welles, Trevor Howard
 Reino Unido, 1949 – 104 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Na Viena ocupada depois da guerra, o mercado negro, o drama das deportações, a rede de enganos em que um ingénuo escritor de livros de cowboys se deixa enlevar em busca de um amigo desaparecido. Uma atmosfera expressionista, com um fabuloso jogo de luz e sombras à volta do misterioso “terceiro homem”. Welles, numa aparição de antologia, terá tido um peso significativo na criação dessa atmosfera. Um filme negro rodado por entre as ruas de Viena no pós Segunda Guerra.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [19] 19:00**

HELSINKI, IKUISESTI

“Para Sempre Helsínquia”
 de Peter von Bagh

Finlândia, 2008 – 75 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Recorrendo como em outros momentos da sua obra a imagens já existentes, o filme de Peter von Bagh, também conhecido como HELSINKI FOREVER, é um retrato de Helsínquia e da sua história assente na montagem de excertos de inúmeros filmes finlandeses que cobrem cerca de cem anos. Um trabalho arqueológico que faz ressuscitar outros filmes, mas também as sombras e as forças de outros tempos. Jonathan Rosenbaum escolheu HELSINKI, IKUISESTI como um dos dez melhores filmes da primeira década do século XXI.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [20] 21:30**

EN CONSTRUCCION

de José Luis Guerín, 2001

Espanha, 2000 – 125 min / legendado eletronicamente em português | M/12

É dos mais conhecidos filmes de Guerín, rodado em Barcelona, a sua cidade de origem, ao longo de três anos. Guerín filmou a demolição de uma zona determinada do Barrio Chino, um bairro operário em desagregação, e a construção de um moderno complexo residencial para a nova classe média catalã, exemplo típico da gentrificação de uma cidade europeia. Entre o bairro que se extingue e o surgimento do novo espaço urbano, o passado reafirma incessantemente a sua presença, seja na descoberta de um antigo cemitério romano debaixo das fundações do novo edifício, seja na sabedoria popular sentida nas conversas entre vizinhos. O que é contar pouco sobre o belíssimo filme que é EN CONSTRUCCION.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [21] 15:30**

▶ **Esplanada | Sáb. [23] 22:30**

MANHATTAN

Manhattan
 de Woody Allen

com Woody Allen, Diane Keaton, Michael Murphy,
 Mariel Hemingway, Meryl Streep

Estados Unidos, 1979 – 96 min / legendado em português | M/12

Woody Allen não parou ainda de filmar Nova Iorque, mas MANHATTAN, feito num belo preto e branco, é seguramente o filme da sua paixão pela cidade. O plano de abertura, um amanhecer em Manhattan, ao som dos acordes da *Rhapsody in Blue*, é eloquente. Depois, as angústias existenciais das personagens, em permanente autoanálise e a paisagem nova-iorquina seguem a par, como se umas não existissem sem as outras. Um dos melhores momentos da vasta e variada obra desta personalidade única.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [28] 19:00**

LA MORTE ROUGE

de Víctor Erice

Espanha, 2006 – 34 min / legendado eletronicamente em português

BU SAN / GOODBYE, DRAGON INN

Adeus Dragon Inn
 de Tsai Ming-liang

com Lee Kang-sheng, Chen Shiang-chyi, Kiyonobu Mitamura,
 Chun Shih, Miao Tien

Taiwan, 2003 – 82 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 116 min | M/12

Em LA MORTE ROUGE, concebido para a exposição “Erice – Kiarostami Correspondências” e de que é o narrador na primeira pessoa, Erice evoca a sua primeira ida ao cinema, com a irmã mais velha, em 1946, ao Gran Kursaal, ver THE SCARLET CLAW / A GARRA VERMELHA de Roy William Neill, um série B de Sherlock Holmes, passado na aldeia canadiana La Morte Rouge. Autobiográfico, o filme é simultaneamente uma evocação do cinema, dos efeitos do fascismo e um trabalho sobre a memória. BU SAN é uma belíssima homenagem de Tsai Ming-liang, um dos realizadores mais importantes do novo cinema de Taiwan, aos “wu xia” (filmes de sabre) de King Hu. Numa noite de chuva, vai ter lugar a “última sessão” de um velho cinema condenado ao encerramento, apresentando o filme de King Hu, DRAGON INN. Dois velhos atores do filme estão presentes no que é uma verdadeira cerimónia fúnebre.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [29] 19:00**

CHACUN SON CINÉMA ou CE PETIT COUP AU COEUR QUAND LA LUMIÈRE S’ETEINT ET QUE LE FILM COMMENCE

de Theodoros Angelopoulos, Olivier Assayas, Bille August, Jane Campion, Youssef Chahine, Chen Kaige, Michael Cimino, Ethan Coen, Joel Coen, David Cronenberg, Jean-Pierre Dardenne, Manoel de Oliveira, Raymond Depardon, Atom Egoyan, Amos Gitai, Alejandro Gonzalez Iñárritu, Hou Hsiao-Hsien, Aki Kaurismaki, Abbas Kiarostami, Takeshi Kitano, Andrei Kontchalovsky, Claude Lelouch, Ken Loach, David Lynch, Nanni Moretti, Roman Polanski, Raoul Ruiz, Walter Salles, Elia Suleiman, Tsai Ming-Liang, Gus Van Sant, Lars Von Trier, Wim Wenders, Wong Kar-wai, Zhang Yimou

França, 2007 – 114 min / legendado em português | M/12

Para celebrar os 60 anos do Festival de Cannes, o seu diretor convidou mais de trinta realizadores ali premiados para fazerem uma curta-metragem de 3 a 4 minutos de duração sobre o prazer do cinema e a sala de cinema. Um filme composto que nos revela múltiplas perspetivas sobre o presente e o futuro do cinema e dos seus espaços de exibição em que se destacam entre muitas outras as coerentes visões de David Lynch ou de Kiarostami, cujo curto filme prefigura SHIRIN.

▶ **Esplanada | Sex. [29] 22:30**

OS VERDES ANOS

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Rui Gomes, Ruy Furtado, Paulo Renato
 Portugal, 1963 – 85 min | M/12

“É a história da iniciação de dois jovens provincianos nos problemas da cidade e do amor” (Paulo Rocha). O primeiro filme de Paulo Rocha é um olhar sobre Lisboa, desencantado, terno e amargo. O filme que, juntamente com BELARMINO, de Fernando Lopes, marca o arranque do Cinema Novo Português e o começo de uma nova geração de atores e técnicos do cinema português. É também indissociável do tema original de Carlos Paredes, na sua primeira composição para cinema.

▶ **Esplanada | Sáb. [30] 22:30**

MAHANAGAR

“A Grande Cidade”
 de Satyajit Ray

com Anail Chatterjee, Madhabi Mukherjee

Índia, 1963 – 136 min / legendado em português | M/12

Primeira grande incursão de Ray no universo de Calcutá e o primeiro dos seus filmes a ter como tema central uma questão social: o facto de a mulher trabalhar e contribuir para o sustento da família, adquirindo independência. MAHANAGAR, dominado por uma esplêndida interpretação de Madhabi Mukherjee, a protagonista de CHARULATA, a obra-prima que Ray realizaria a seguir, é um dos muitos filmes em que o mestre aborda um dos temas centrais da sua obra: a mulher indiana, o seu lugar na família e na sociedade.

COLÓQUIO “O CINEMA E A CIDADE”

Comunicações e debates | sala M. FÉLIX RIBEIRO
 28 e 29 setembro 2017 | programa a anunciar

O que acontece às cidades quando perdem as salas de cinema, ou, nas grandes metrópoles, as redes de salas que as marcaram ao longo de quase todo o século XX? O que acontece ao cinema quando os seus lugares de contacto com o público deixam de ser lugares de encontro regular e intenso das comunidades urbanas?

TIVOLI E OS CINEMAS DA AVENIDA

em colaboração com a Linha de Sombra

Esplanada | 14 setembro 2017, 19 horas

Apresentação do livro *Cinema Tivoli – Memórias da Avenida*, coordenado por Duarte de Lima Mayer e João Monteiro Rodrigues. A iniciativa é acompanhada por uma conversa na Esplanada 39 Degraus com a presença dos organizadores do livro e de vários outros convidados, a anunciar, que participarão num debate alargado sobre o Tivoli e outros cinemas da Avenida. Precedida por uma sessão de cinema às 18 horas na sala M. Félix Ribeiro.

A CINEMATECA COM O MOTELX O ESTRANHO MUNDO DO TERROR LATINO

em colaboração com o MOTELX
 Festival Internacional de Terror de Lisboa

A Cinemateca colabora com a 11ª edição do MOTELX associando-se ao programa “O Estranho Mundo do Terror Latino” que decorre entre 1 e 4 de setembro no período “Warm-up” antecedendo a realização do Festival em diversos espaços de Lisboa. Propondo um panorama histórico do cinema de terror latino, assinala-se o ano de 2017 de Lisboa Capital Ibero-americana de Cultura cuja programação o MOTELX integra. As três sessões que têm lugar na Cinemateca revisitam clássicos de culto do género das cinematografias mexicana, espanhola e brasileira: EL VAMPIRO de Fernando Mendez, QUIEN PUEDE MATAR A UN NIÑO? de Narciso Ibañez Serrador e À MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA de José Mojica Marins. O primeiro é apresentado em projeção ao ar livre na Esplanada 39 Degraus.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [1] 19h00**

À MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA

de José Mojica Marins

com José Mojica Marins, Magda Mei, Nivaldo de Lima

Brasil, 1963-64 – 85 min | M/14

É nesta terceira longa-metragem de José Mojica Marins, destinada à distribuição em salas ultrapopulares, que nasce a personagem de Zé do Caixão, que se tornará o seu alter ego e o fará internacionalmente famoso – é uma figura de culto como Coffin Joe para os seus fãs nos Estados Unidos. Descoberto pelos amantes do “camp” e do “é tão mau que é bom”, Mojica explorou astutamente a sua imagem e a sua mitologia pessoal. Nesta primeira aventura, Zé do Caixão, um covarde de capa e chapéu alto, percorre São Paulo como se estivesse num filme de Hammer e nas brumas da Escócia em busca de uma mulher que lhe dê um filho. A apresentar em cópia digital.

▶ **Esplanada | Sex. [1] 22:30**

EL VAMPIRO

de Fernando Méndez

com Abel Salazar, Ariadna Welter, Carmen Montejo, José Luis Jiménez, German Robles

México, 1957 – 83 min / legendado eletronicamente em português | M/14

EL VAMPIRO dos anos cinquenta mexicanos é uma variação da mitologia do vampiro (personagem entregue no filme a German Robles), visualmente apurado, e um muito influente filme do terror latino. A partir de um argumento original de Ramon Obo, a história segue uma rapariga que viaja de comboio até à sua aldeia natal para visitar uma tia doente, que vem a saber estar morta, descobrindo pouco depois a presença vampírica do Conde Karol de Lavud. “Um clássico do fantástico mexicano realizado em pleno esplendor do cinema de género” (Ben Wade). Primeira exibição na Cinemateca.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [4] 19:00**

QUIEN PUEDE MATAR A UN NIÑO?

de Narciso Ibañez Serrador

com Lewis Fiander, Prunella Ransome,

Maria Druille, Antonio Iranzo, Luis Ciges

Espanha, 1975 – 112 min / legendado eletronicamente em português | M/14

É um dos mais sonantes títulos do terror espanhol, polémico e alvo de cortes e censura em alguns países na época da estreia. Também conhecido como LOS NIÑOS ou internacionalmente por WHO CAN KILL A CHILD?, o filme de Ibañez Serrador parte de uma história de Juan José Plans em que crianças assassinas são postas numa missão contra a Humanidade – *El Juego de los niños* (romance que viria a ser publicado em 1976). Passado numa ilha em ambiente de veraneio mediterrânico e diurno, é tido por um filme de atrevimento inaudito em que as crianças são olhadas como uma força letal e implacável. A apresentar em cópia digital, numa primeira exibição na Cinemateca.

SALA M. FÉLIX RIBEIRO / SALA LUÍS DE PINA

LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA

Se há um ator que marca o cinema português das últimas décadas, esse ator é Luis Miguel Cintra. Desde *QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO...*, de João César Monteiro, em 1970 (portanto, há quase cinco décadas completas), que nos habituámos a encontrar o seu rosto, o seu corpo e (não a esqueçamos) a sua voz num número impressionante de filmes dos mais significativos cineastas portugueses deste período. Homem do teatro antes de ser homem do cinema – como o atesta o notável trabalho que desenvolveu durante décadas na Cornucópia, companhia que fundou com Jorge Silva Melo em 1973, e da qual, como encenador e ator, foi o principal dinamizador durante muitos anos – dele nunca se espera, e raramente o tentou, um registo linearmente naturalista ou naturalizado. O seu território de eleição sempre esteve nessa fronteira, típica de muito cinema moderno, entre o naturalismo e o artifício teatral, com ênfase no rigor dos gestos, dos movimentos e, sobretudo, de uma relação com o texto sublinhada principalmente através da dicção. Luis Miguel Cintra é um ator da palavra, e não é surpresa, portanto, que ele seja e tenha sido o intérprete preferencial de cineastas da palavra, ou de cineasta para quem a palavra e o texto têm um peso muito específico, como foram Manoel de Oliveira, João César Monteiro ou Paulo Rocha, nomes com quem Luis Miguel Cintra estabeleceu uma cumplicidade de muitos anos e muitos filmes. Mas importa realçar também que, sendo um ator devotado a fidelidades cimentadas pelo tempo, o seu percurso é também marcado pela abertura e disponibilidade para as primeiras obras e para os filmes de jovens cineastas – como o confirma a sua presença nos primeiros filmes de Pedro Costa, Joaquim Pinto, Manuel Mozos, Catarina Ruivo ou Jorge Cramez.

Após 47 anos de cinema, a filmografia de Luis Miguel Cintra comporta largas dezenas de títulos. No Ciclo que lhe dedicamos veremos uma amostra significativa, que inclui alguns dos seus filmes e papéis mais célebres, mas também alguns títulos mais obscuros e menos vistos, nomeadamente no que diz respeito a produção internacionais em que o ator trabalhou – casos de *TRANSATLANTIQUE*, de Christine Laurent, ou de *THE DANCER UPSTAIRS*, de John Malkovich, de resto, ambos autores com uma história de relacionamento com Portugal, com o cinema português e (no caso de Laurent) com o teatro português. O Ciclo compõe-se ainda de uma carta branca, com dez títulos selecionados por Luis Miguel Cintra, que mostraremos em cotejo com a sua obra. A 18 de setembro, às 19 horas e às 21h30, têm lugar um Encontro com Luis Miguel Cintra e uma sessão de homenagem, com a projeção dos primeiros filmes que protagonizou em 1971. Será publicado um catálogo.



LE CARROSSE D'OR

RETROSPETIVA

► Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [4] 21:30

QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO

de João César Monteiro

com Luis Miguel Cintra, Carlos Ferreira,
Paula Ferreira, Nuno Júdice

Portugal, 1971 – 33 min

NEM PÁSSARO NEM PEIXE

de Solveig Nordlund

com Luis Miguel Cintra, Lia Gama, Glicínia Quartin,
Francisca Menezes, Robert Kramer, Manuel Amado

Portugal, 1977 – 42 min

duração total da projeção: 75 min | M/12

QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO, exemplo do cinema que não se podia ver em Portugal antes de 25 de Abril de 1974 e que sofreu a imposição de cortes censórios que lhe impediram que estresse, foi felizmente entendido por alguns na época como o grande filme que é – “É o filme mais português que vi até hoje... Não no sentido do Benfica. Mas no literal: aqui e agora” (Eduardo Guerra Carneiro, 1971). “Opaco, secreto como um búzio”, chamou-lhe César. Foi o primeiro filme de Luis Miguel Cintra, na personagem de Lívio, o mesmo nome da que interpretou 18 anos depois em *RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA*, mandando João de Deus “ir e dar-lhes trabalho”. *NEM PÁSSARO NEM PEIXE* marca a estreia a solo de Solveig Nordlund na realização, foi produzido pelo Grupo Zero, tem diálogos de Luísa Neto Jorge e fotografia de Acácio de Almeida. O universo do romancista americano de ficção científica H.P. Lovecraft em *A Chave de Prata* é o mote do argumento focado na personagem de um jornalista de televisão, sinalizando já a ressaca dos anos revolucionários posteriores a abril de 1974.

► Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [6] 19:00

UMA PEDRA NO BOLSO

de Joaquim Pinto

com Bruno Leite, Inês Medeiros, Isabel de Castro, Manuel Lobão,
Eduarda Chiote, Luis Miguel Cintra

Portugal, 1987 – 92 min | M/12

O primeiro filme de Joaquim Pinto conta uma história de iniciação e embate com a idade adulta: em férias na estalagem de uma tia à beira-mar, Miguel encontra Luísa, o pescador João e o Dr. Fernando, três personagens que marcarão a entrada da sua primeira pedra no bolso. Foi filmado sem subsídios e uma equipa reduzida, uma exceção no cinema português nos anos oitenta.

“Quando Joaquim Pinto apresentou em ante-estreia o seu filme na Cinemateca disse (ou escreveu) que ‘Não vale a pena filmar se não se tiver motivos para isso’. Os motivos de *UMA PEDRA NO BOLSO* são óbvios e começa aí a sinceridade tocante desta obra” (Manuel S. Fonseca). Luis Miguel Cintra é o Dr. Fernando, que passa pelo filme ao volante de um MG e como hóspede na estalagem contracenando com os estreados Bruno Leite e Manuel Lobão, numa das suas participações em primeiras obras portuguesas dos anos oitenta.

► Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [8] 19:00

O SANGUE

de Pedro Costa

com Pedro Hestnes, Inês de Medeiros, Nuno Ferreira,
Luis Miguel Cintra, Henrique Viana

Portugal, 1989 – 99 min | M/12

Primeira obra de Pedro Costa, *O SANGUE* é um perturbante filme marcado por ecos noturnos, captados num preto e branco escuro como a noite em que maioritariamente decorre, para dar a ver os fantasmas que acompanham as personagens dos dois irmãos e da rapariga que a eles se junta. Pedro Hestnes abre o filme num dos mais belos planos do cinema português. Luis Miguel Cintra interpreta a personagem do tio, na primeira das duas vezes em que filmou com Costa (no seguinte *CASA DE LAVA* coube-lhe a personagem de médico). “O que gosto em *O SANGUE* é o sentido da longa noite da infância que abraça tantos filmes e tantos livros americanos (...). Provavelmente o título vem de Flannery O’Connor” (Pedro Costa).

► Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [11] 19:15

SILVESTRE

de João César Monteiro

com Maria de Medeiros, Luis Miguel Cintra, Teresa Madruga,
Jorge Silva Melo, João Guedes

Portugal, 1981 – 118 min | M/12

SILVESTRE é um clássico do cinema português moderno, um dos mais belos filmes do seu realizador, repositório de lendas e histórias tradicionais, de cores fortes, cenários pintados não realistas. O nome do protagonista reenvia a George Cukor (*SYLVIA SCARLETT*), a fábula reenvia a Guimarães Rosa e a *Donzela que Vai à Guerra*, o imaginário a alguma pintura flamenga e italiana. Com diálogos de João César Monteiro e Maria Velho da Costa, é também o filme que revelou Maria de Medeiros aos 17 anos. No papel do peregrino, do cavaleiro, de Dom Raimundo, Luis Miguel Cintra volta à direção de César Monteiro, com quem no final da

década de oitenta filmaria a “comédia lusitana” *RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA*.

► Sala Luís de Pina | Seg. [11] 22:00

A RAÍZ DO CORAÇÃO

de Paulo Rocha

com Luis Miguel Cintra, Joana Bárcia,
Isabel Ruth, Melvil Poupaud

Portugal, França, 2000 – 118 min | M/12

Lisboa por Paulo Rocha, mais de 30 anos depois de *OS VERDES ANOS*. Um candidato da extrema-direita à Câmara Municipal, que também veste as roupas de Santo António, trava uma luta cerrada com um grupo de travestis que lhe fazem oposição política. Filmado em cores luxuriantes, *A RAÍZ DO CORAÇÃO* é também dilaceradamente sombrio. É um dos filmes em que Luis Miguel Cintra foi filmado por Paulo Rocha, desde que o encontro se deu em *A POUSADA DAS CHAGAS* (1971), e o segundo como protagonista de um filme de Rocha – depois de *O DESEJADO* (1987). “Luis Miguel Cintra, num dos cumes mais prodigiosos da sua prodigiosa carreira, quatro papéis, todos ligados por um fio secreto. Além de Catão, é o Catão mascarado de Santo António (o tal do menino ao colo) é Santo António ele próprio, voando nos espaços celestes e acolhendo no colo outro menino (esse mesmo Sílvio ou Sílvia, a quem aconselha a cortar o mal pela raiz) e é o travesti que inicia o filme, todo de ouro vestido, e anunciando, entre dois corvos que acabam por o devorar, qual a raiz desse mal incortável” (João Bénard da Costa).

► Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [13] 19:00

AQUI NA TERRA

de João Botelho

com Luis Miguel Cintra, Pedro Hestnes,
Isabel de Castro, Jessica Weiss, Rita Dias

Portugal, 1993 – 115 min | M/12

Duas histórias que se passam “aqui na Terra”, se bem que em lugares opostos. Uma história urbana, sobre um economista que depois da morte do pai entra “num labirinto de medos, barulhos e solidão absoluta” até encontrar “uma luz – a Luz que o faz vacilar e cair numa vertigem irremediável”. E uma história rural, algures em terras altas, onde dois jovens vivem um crime e a sua expiação. Luis Miguel Cintra é o protagonista da primeira delas, no filme do seu encontro com João Botelho. Cabe-lhe o papel do Miguel economista lisboeta de sucesso em momento depressivo com manifestações físicas alucinatórias.

SALA M. FÉLIX RIBEIRO / SALA LUÍS DE PINA

► **Sala Luís de Pina | Qui. [14] 18:30**

THE DANCER UPSTAIRS

Em *Clandestinidade*
de John Malkovich

com Javier Bardem, Juan Diego Botto, Laura Morante,
Alexandra Lencastre, Luis Miguel Cintra

Espanha, Estados Unidos, 2001 – 132 min / legendado em português | M/16

Filme de estreia de John Malkovich na realização, THE DANCER UPSTAIRS tem argumento do romancista britânico Nicolas Shakespeare (não confundir com William Shakespeare), também autor do romance homónimo de 1995 que este adapta. Foi em parte filmado no Porto, mas passa-se algures na América latina, num país sob comando totalitário, e colhe a sua inspiração no cinema político, fixando-se na história de um polícia que investiga a atividade de um grupo terrorista. O encontro de Luis Miguel Cintra com Malkovich no cinema data de O CONVENTO (1995), de Manoel de Oliveira. Primeira exibição na Cinemateca.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [18] 19:00**

LUIS MIGUEL CINTRA E O CINEMA

Encontro com Luis Miguel Cintra para um diálogo em torno da sua vida no cinema, aberto a perguntas do público. Sessão de entrada livre mediante levantamento de ingressos na bilheteira.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [18] 21:30**

QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO

de João César Monteiro

com Luis Miguel Cintra, Carlos Ferreira, Paula Ferreira, Nuno Júdice
Portugal, 1971 – 33 min

A POUSADA DAS CHAGAS

de Paulo Rocha

com Luis Miguel Cintra, Clara Joana

Portugal, 1971 – 17 min

duração total da projeção: 50 min | M/12

SESSÃO DE HOMENAGEM A LUIS MIGUEL CINTRA

QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO, exemplo do cinema que não se podia ver em Portugal antes de 25 de Abril de 1974 e que sofreu a imposição de cortes censórios que lhe impediram que estresse, foi felizmente entendido por alguns na época como o grande filme que é – “É o filme mais português que vi até hoje... Não no sentido do Benfica. Mas no literal: aqui e agora” (Eduardo Guerra Carneiro, 1971). “Opaco, secreto como um búzio”, chamou-lhe César. Foi o primeiro filme de Luis Miguel Cintra, na personagem de Lívio, o mesmo nome da que interpretou 18 anos depois em RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA, mandando João de Deus “ir e dar-lhes trabalho”. Encomendado pela Fundação Gulbenkian a Paulo Rocha, A POUSADA DAS CHAGAS baseia-se em textos de Fios Sanctorum, Camões, Pessoa, García Lorca, Rimbaud, Mário Cesariny, Lao Tzu, Tao Chien, Mumon, e é fulgurantemente interpretado por Luis Miguel Cintra e Clara Joana. “A ILHA [DOS AMORES] e A POUSADA são filmes ópera, neo-kabuki (...) numa estética de excesso que tem a ver com certos caminhos da arte moderna em que o dispêndio de energia tenta refundir fragmentos de um mundo fraturado” (Paulo Rocha). Os filmes de estreia de Luis Miguel Cintra no cinema nos anos setenta estão programados numa sessão de homenagem que conta com a sua presença e a intervenção de várias personalidades a anteceder a projeção.

► **Sala Luís de Pina | Qua. [20] 18:30**

TRANSATLANTIQUE

de Christine Laurent

com Laurence Côte, Joaquin Olarreaga, Héctor Spinelli,
Monique Melinand, Luis Miguel Cintra

França, Portugal, Uruguai, 1996 – 111 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Com argumento dela própria, Philippe Arnaud e André Téchiné, o romanesco filme de Christine Laurent é uma história de Montevideo, Uruguai, onde uma cantora, Laura, experimenta a atração da cidade, e de um continente que desconhece, enquanto procura o homem que ama. A protagonista é Laurence Côte, cúmplice de Laurent dos filmes de Rivette (LA BANDE DES QUATRE, HAUT BAS FRAGILE), o realizador com quem Laurent trabalhou recorrentemente como argumentista. “Em TRANSATLANTIQUE quis dar-lhe [a Laurence Côte] a possibilidade de representar uma personagem muito diferente dos seus papéis habituais (...), um papel onde a maturidade fosse progressivamente visível no seu rosto” (Christine Laurent). Luis Miguel Cintra fora já dirigido por Christine Laurent em VERTIGES (1985) e os dois começaram a trabalhar juntos em teatro, na Cornucópia, em meados dos anos noventa, quando a realizadora aí dirigiu o primeiro dos seus espetáculos como encenadora.

► **Sala Luís de Pina | Qui. [21] 18:30**

A CAIXA

de Manoel de Oliveira

com Luis Miguel Cintra, Beatriz Batarda, Diogo Dória,
Isabel Ruth, Ruy de Carvalho, Glicínia Quartin

Portugal, França, 1994 – 94 min | M/12

Adaptado de uma peça de Prista Monteiro, A CAIXA (Prémio Especial do Júri no Festival de Veneza) é um dos filmes mais negros e sarcásticos de Oliveira, onde as Escadinhas de São Cristóvão na

Mouraria, se transformam num microcosmos dos vícios e virtudes humanas, das fraquezas das pessoas e das crueldades a que recorrem para sobreviver. E no palco da representação de uma farsa. Luis Miguel Cintra interpreta o papel do cego que habita as escadinhas lisboetas e a quem roubam a caixa de esmolos com que ganha a vida.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [21] 21:30**

PEIXE LUA

de José Álvaro Morais

com Beatriz Batarda, Ricardo Aibéo,
Marcello Urgeghe, Luis Miguel Cintra

Portugal, 2000 – 125 min | M/12

O Sul na obra de José Álvaro Morais: o Alentejo e a Andaluzia, o imaginário das grandes herdades, das touradas, do flamenco, a lembrança de García Llorca, um barco chamado “Zéfiro”, em rima com o filme homónimo de 1994 em que já José Álvaro Morais viajava pelo imaginário do Sul. História de desuniões e desagregações familiares, PEIXE LUA combina, na sua dramaturgia, um olhar sobre o presente português contemporâneo da sua data de produção e os ecos do passado que nele persistem. Foi o terceiro filme de Luis Miguel Cintra com José Álvaro Morais, que o pôs no papel do Conde de Trava em O BOBO (1987) e do narrador de ZÉFIRO (1994). E que concebeu a ideia que levaria a TEATRO DA CORNUCÓPIA, A LOUCA JORNADA (2000), um filme de montagem que assinala os 25 anos da Companhia, para o qual filmou o registo da preparação da peça *O Casamento de Figaro, ou a Louca Jornada*, de Beaumarchais.

► **Sala Luís de Pina | Seg. [25] 18:30**

O NOVO TESTAMENTO DE JESUS CRISTO SEGUNDO JOÃO

de Joaquim Pinto, Nuno Leonel

com Luis Miguel Cintra

Portugal, 2013 – 128 min | M/12

Registo de um dia de leitura por Luis Miguel Cintra de Evangelho Segundo S. João ao ar livre, no campo, a partir de *O Novo Testamento de Jesu Christo Segundo João*, traduzido em português, da Vulgata latina, por António Pereira de Figueiredo (1725-1797). Feito de sobreposições de imagens e sons, dos ritmos do texto e da natureza, das modulações da voz do ator, é um filme profundamente singular. “O primeiro capítulo é acompanhado por imagens do local, seguindo-se um bloco em que somos imersos no ‘grão da voz’ de Luis Miguel. A partir daí, essa voz materializa-se na expressão, no gesto, na presença, no ritmo, na respiração, na pulsão do corpo do ator, que se transforma em veículo da materialização do texto” (Joaquim Pinto, Nuno Leonel).

► **Sala Luís de Pina | Ter. [26] 18:30**

ERROS MEUS

de Jorge Cramez

com Luis Miguel Cintra, Isabel Ruth

Portugal, 2000 – 15 min

TODAS HIEREN

de Pablo Llorca

com Luis Miguel Cintra, Leonor Watling, Eusebio Lázaro,
Luz Ceballos, Alberto Jiménez, José María Caffarel

Espanha, 1997 – 82 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 97 min | M/12

TODAS HIEREN é a terceira longa-metragem do espanhol Pablo Llorca – também escritor, programador e crítico de arte –, que filmou com Luis Miguel Cintra depois de o ter admirado nos filmes de Manoel de Oliveira e com quem Cintra estabeleceu uma relação de cumplicidade manifesta na sessão que ambos acompanharam do filme no Lisbon & Estoril Film Festival em 2015. Na ocasião, o ator referiu-se ao cunho pessoal do trabalho de Llorca, ao lugar que o mistério ocupa nos seus filmes. Contracenando com Leonor Watling, numa interpretação em castelhano – que apreciou especialmente por ter nascido na capital espanhola, Luis Miguel Cintra é o protagonista masculino de TODAS HIEREN, cujo argumento partiu de um verso latino que em castelhano afirma “Todas hieren, sólo la última mata”. A sessão abre com a camoniana curta-metragem de Jorge Cramez, ERROS MEUS, que Luis Miguel Cintra ilumina ao lado de Isabel Ruth. Primeiras exposições na Cinemateca.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [26] 21:30**

A ILHA DOS AMORES

de Paulo Rocha

com Luis Miguel Cintra, Clara Joana, Zita Duarte,
Jorge Silva Melo, Paulo Rocha, Yoshiko Mita

Portugal, 1982 – 169 min / falado em português e japonês, legendado eletronicamente em português | M/12

Compõe-se em nove cantos e é um filme inspirado na vida e obra do escritor Wenceslau de Moraes, que saiu de Portugal nos finais do século XIX para buscar no Japão uma “arte de viver” que conciliasse o material e o espiritual. Uma das obras mais arriscadas do cinema português, em que o trabalho de mise en scène é sobretudo realizado no interior dos próprios planos. “Cantos de *Os Lusíadas*, de Pound, de Chu Yuan (...) Era um pouco megalómano: juntar todas as culturas, todas as artes, todos os estilos, todas as línguas. Mas lá estavam o Moraes e a Ko-Háru, o gato e o pássaro de O-Yoné, o pintor impotente, para darem humanidade ao décor excessivo” (Paulo Rocha). Luis Miguel Cintra, que preza especialmente A ILHA DOS AMORES, é o Wenceslau de Moraes deste filme, num dos seus grandes e mais exigentes papéis em cinema.

► **Sala Luís de Pina | Qua. [27] 18:30**

O DESTINO DO SR. SOUSA

de João Constâncio

com Rita Blanco, Rita Brutt, Filomena Cautela,
Luis Miguel Cintra, Rita Loureiro, Sofia Marques

Portugal, 2009 – 25 min

DIAS COLOR NARANJA

de Pablo Llorca

com Luis Miguel Cintra, Jorge Ferrer, Annie Kay Dählstrom,
Astrid Menasanch

Espanha, 2016 – 76 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 101 min | M/12

Rodado com poucos meios, DIAS COLOR NARANJA foi referido como reflexo de uma atitude de resistência de Pablo Llorca, realizador espanhol que começou a filmar nos anos oitenta e com quem Luis Miguel Cintra iniciou uma relação de trabalho, e de amizade, em finais da década seguinte – TODAS HIEREN (1997) foi a primeira colaboração dos dois. Definido por contraponto ao retrato escuro da Espanha contemporânea das suas longas-metragens anteriores como o seu filme mais luminoso, DIAS COLOR NARANJA centra-se no encontro entre um grupo de adolescentes em viagem de Interrail pela Europa. Alvaro, cujo gosto pela literatura de Dickens liga a uma das raparigas, trava conhecimento com o grupo no comboio para Madrid, em que embarca em Atenas quando aí fica retido em trânsito por causa da erupção vulcânica de 2010 na Islândia. Luis Miguel Cintra interpreta a personagem do padrastra da protagonista, e é a ele que se ouve dizer, “A nostalgia... que medo.” Primeiras exposições na Cinemateca.

► **Sala Luís de Pina | Qui. [28] 18:30**

DAQUI PRÁ FRENTE

de Catarina Ruivo

com Adelaide Sousa, António Figueiredo, Marcello Urgeghe,
Rita Durão, Luis Miguel Cintra, Isabel Ruth

Portugal, 2007 – 91 min | M/12

Segunda longa-metragem de Catarina Ruivo (ANDRÉ VALENTE é de 2004), DAQUI PRÁ FRENTE segue uma história de amor no seu embate quotidiano, entregando-a a um casal formado por uma esteticista militante num partido de esquerda e um polícia, que trabalham em Lisboa, vivem no Montijo e levam o seu tempo diário nas travessias do rio. As personagens do casal são interpretadas por Adelaide de Sousa e António Figueiredo. Isabel Ruth e Luis Miguel Cintra (que participa da longa-metragem seguinte de Catarina Ruivo, EM SEGUNDA MÃO) entram no filme em participações especiais entregando a sua força às personagens. Primeira exibição na Cinemateca.

► **Sala Luís de Pina | Sex. [29] 18:30**

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?

de Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo

com Luis Miguel Cintra, Raquel Maria, José Manuel Martins,
Carlos Barreto, Jorge Silva Melo, Isabel de Castro

Portugal, 1979 – 93 min | M/12

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? regista a encenação de uma escolha de fragmentos de peças do alemão Karl Valentin por Jorge Silva Melo. Êxito extraordinário, este espetáculo de 1980 tornou-se lendário. Produção do Grupo Zero, do Teatro da Cornucópia e da RTP, o filme foi um dos títulos que resultaram de uma colaboração entre a Cooperativa e a RTP documentando importantes trabalhos da Cornucópia (casos também de MÚSICA PARA SI e VIAGEM PARA A FELICIDADE). Na televisão, foi apresentado em cinco episódios, cuja totalidade é apresentada na Cinemateca pela primeira vez nesta sessão.

► **Sala Luís de Pina | Sáb. [30] 15:00**

LE SOULIER DE SATIN

de Manoel de Oliveira

com Luis Miguel Cintra, Patrícia Barzyk, Anne Consigny, Jean Pierre Bernard, Manuela de Freitas, Henri Serre, Anny Romand, Isabelle Weingarten, Marie Christine Barrault,
Maria Barroso, Jorge Silva Melo

Portugal, França, 1985 – 406 min / legendado eletronicamente em português | M/12

com a presença de Luis Miguel Cintra
sessão com dois intervalos

Quase sete horas de duração; planos geralmente longuíssimos, no limite material da duração do “magasin”; câmara normalmente imóvel, impondo um único ponto de vista sobre personagens que, também normalmente, estão estáticas e se falam sem se olhar e sem olhar para a câmara, fixando um algures indefinido e não situado; uma extensíssima sucessão de “recitativos” ou “árias” em que uma só personagem (tantas vezes) se espria em falas de intensa e tensa duração; um texto ideológica e esteticamente avesso a qualquer moda ou gosto dominante. São estas as aparências exteriores do “opus magnum” do cinema português, este LE SOULIER DE SATIN que, em 1985, valeu a Manoel de Oliveira o Leão de Ouro em Veneza. Adaptação integral da obra de Claudel sobre a história de D. Rodrigo de Manacor, personagem interpretada por Luis Miguel Cintra, LE SOULIER DE SATIN é um dos filmes mais ambiciosos alguma vez feitos e é, para alguns, a obra máxima de Oliveira e um dos grandes monumentos da história do cinema.

SALA M. FÉLIX RIBEIRO / SALA LUÍS DE PINA

CARTA BRANCA

Luis Miguel Cintra escreveu sobre as razões das suas escolhas para esta carta branca no texto que em baixo publicamos na íntegra. Ressalva para as indicações aos filmes que não integram o programa final, fechado num momento posterior à escrita do texto, que revelam a seleção de início idealizada por Luis Miguel Cintra.

Se fui eu que levei o Jorge Silva Melo para o teatro foi ele quem me levou ao cinema. Estamos quites. Mas foi com certeza com Manoel de Oliveira, apesar de ele falar de Méliès, que percebi que o cinema não filma ficções como os romances dão em filmes, filma o que tem diante dos olhos, às vezes com aqueles pozinhos mágicos que transformam a vida em ilusão. São sonhos. Como aquilo que o realizador tem nos olhos, aquela poeira que se chama ilusão. Filma sonhos, ou filma a vida que é de outro autor. A vida é sonho. Quem se põe diante da câmara são os atores, que se olharmos bem para eles, nos podem ilusionar. Sim, filma quem pode provocar ilusões: os atores. E como o que se filma é o que há, quando nos dão a ver atores, ou seja, pessoas incomuns, extraordinários, gosto muito. As mulheres são muito vaidosas, já se sabe, julgam que perante os homens devem cuidar de si próprias. Dá bom resultado pensar que a câmara é um espelho. São as melhores atrizes, péssimas esposas, difíceis colegas de trabalho. Pensei tudo isto porque para escolher filmes comecei por escolher atrizes. E acabei por ficar com uma lista de grandes realizadores e quem as sonharam e talvez uma seleção de grandes clássicos. O pudor poupa-vos a ouvir-me contar com que homens sonhei; Charlie Chaplin, James Mason, Alain Delon, Jacques Perrin, os homens do Vangelo? Pensei logo, e reincidi, na mais mãe de todas as mães, a nossa mãe, MAMMA ROMA de uma espécie de companheiro/mestre imaginário: Pier Paolo Pasolini.

E a ROMA, CIDADE ABERTA do Rossellini (de quem só por causa de ter saudades da Magnani diante da Bergmann, não incluo a VIAGEM A ITÁLIA e o SANTO DOS POBRESINHOS, os dois filmes que os católicos deviam ver todos os dias, apesar da nórdica). Não escolhi, mas cá por mim faço a lista ainda maior e escolhia pensando nos católicos, todos os Pasolinis. Voltando à Magnani, vem ainda a “mamma” num Visconti dos pobres e a preto e branco, e vem um a cores e de um génio, Jean Renoir, que era amigo dum amigo, o Paulo Rocha que gostou ainda mais da Isabel Ruth (e como a vi nos VERDES ANOS, não sei se não faria de facto inveja à Magnani), filme esse em que nos ensina a pôr cada coisa em seu lugar e o seu melhor lugar seria com os dois pés bem assentes na terra, onde toda a gente é boa. E é o filme que disse ao João Bénard que era o filme da minha vida e afinal não era. Era um filme que tirava toda a proa ao teatro, substituía o artifício ou trazia-o para a vida, e mandava o ouro às urtigas: LE CARROSSE D’OR. Vem depois outra reincidente: Jeanne, Jeanne Moreau. Que das estrelas mesmo foi a única que tive a sorte de conhecer e de reconhecer quem pela sua simples presença se torna também autora dos filmes em que representa. Escolho dois filmes áspers, difíceis de amar, impossível deixar de amá-los: QUERELLE de Rainer Werner Fassbinder e HISTOIRE IMMORTELLE de Orson Welles. E duas americanas que nos levariam até ao fim do mundo que é o céu, “way above”, a Judy Garland de A STAR IS BORN, de George Cukor (agora sim um grande elogio ao teatro), e THE SEVEN YEAR ITCH com a Marilyn com o poema de Ruy Belo a acompanhá-la e o poema que o Ruy Belo lhe fez. “Last but not the least”, com a mais desumana das vedetas, e a menos católica de todas as atrizes, Agente X27 de Joseph von Sternberg.

Passo para mais quatro filmes que veria sem cessar e de que gosto porque reconstroem o mundo, tentam falar da História, esses sim, com a carga que os mitos têm, são como a *Iliada* e a *Odisseia*, OS PÁSSAROS de Hitchcock e PLAYTIME de Jacques Tati. E mais dois que são como a Bíblia, ou que a acompanham: A PALAVRA de Dreyer e O ACTO de Manoel de Oliveira. Ora aí estão quatro grandes elegantes, quatro grandes senhores: Tati, Hitchcock, Dreyer e Oliveira. Grandes, grandes artistas.

Luis Miguel Cintra

► Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [4] 15:30

PLAYTIME

Playtime – Vida Moderna
de Jacques Tati

com Jacques Tati, Barbara Dennek

França, 1967 – 123 min / legendado em português | M/6

Ver entrada em “O Cinema e a Cidade”, em que o filme está igualmente programado, com uma passagem a 2, às 22h30, na Esplanada, numa projeção antecedida de IL GIORNO DELLA PRIMA DI CLOSE UP.

► Sala Luís de Pina | Seg. [11] 18:30

MAMMA ROMA

Mamma Roma
de Pier Paolo Pasolini

com Anna Magnani, Ettore Garofalo, Franco Citti

Itália, 1962 – 103 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Segunda longa-metragem de Pasolini, MAMMA ROMA prolonga as opções de mise en scène e o universo de ACCATTONE. Trata-se da história de uma mulher que abandona a prostituição para viver com o filho adolescente, mas tudo terá um fim trágico. Se a primeira parte do filme é marcada pela presença poderosa de Anna Magnani (que se entusiasmara por ACCATTONE e quis trabalhar com Pasolini), a segunda concentra-se no filho, encarnado por um ator amador. O filme fecha o período da obra de Pasolini que reata com alguns elementos do neorealismo, que ele considerava “o primeiro ato de consciência crítica” do cinema italiano.

► Sala Luís de Pina | Ter. [12] 18:30

ROMA, CITTÀ APERTA

Roma, Cidade Aberta
de Roberto Rossellini

com Aldo Fabrizi, Anna Magnani, Marcello Pagliero

Itália, 1945 – 99 min / legendado em português | M/12

Realizado imediatamente a seguir ao fim da Segunda Guerra Mundial, ROMA, CITTÀ APERTA, uma das obras-primas absolutas de Rossellini, é o filme que lança aquilo a que se convencionou chamar

o “neorealismo”. História de resistência durante a ocupação nazi, com um padre e um comunista aliados na causa comum e Anna Magnani num dos seus papéis mais emblemáticos – a sequência da sua morte é das mais prodigiosas na obra de Rossellini. No cinema italiano, recém-saído do “escapismo” do cinema do período fascista, ROMA, CITTÀ APERTA teve o efeito de uma bomba. O seu poder emocional continua intacto. A apresentar em cópia digital.

► Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [15] 19:00

THE IMMORTAL STORY

História Imortal
de Orson Welles

com Orson Welles, Jeanne Moreau, Norman Eshley, Fernando Rey, Roger Coggio

França, Estados Unidos, 1968 – 58 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Feito para a televisão, a partir de um conto de Karen Blixen, THE IMMORTAL STORY (UNE HISTOIRE IMMORTELLE, no título francês) é um filme em que Orson Welles retoma as suas personagens manipuladoras. Welles interpreta o enigmático e rico mercador Charles Clay que, em Macau, recria uma lenda de marinheiros sobre um homem que paga cinco guinéus a um marujo para passar uma noite com a sua jovem mulher e dar-lhe um herdeiro. Numa das suas colaborações dos anos sessenta com Welles, Jeanne Moreau encarna o papel de Virginie, a mulher que participa na noite da encenação montada por Clay como experiência erótica, mas é surpreendida pelas circunstâncias que ainda mais surpreendem o mercador envelhecido, fulminando-o. Os grandes planos de Moreau e de Norman Eshley, sob o olhar de Welles, participam da sequência inesquecível da noite de amor que ensaia a “história imortal”. A exibir na versão inglesa. Também programado “In Memoriam Jeanne Moreau”.

► Sala Luís de Pina | Ter. [19] 18:30

A STAR IS BORN

Assim Nasce Uma Estrela
de George Cukor

com Judy Garland, James Mason, Jack Carson, Charles Bickford

Estados Unidos, 1954 – 170 min / legendado em espanhol | M/12

Cukor adapta a versão de A STAR IS BORN filmada por William Wellman em 1937 que, por sua vez, retomava o seu WHAT PRICE HOLLYWOOD? (1932), ajustando a um musical o argumento da história original de Wellman e Robert Carson. Foi o primeiro musical de Cukor e a sua primeira obra em Technicolor e CinemaScope. Também programado na sessão dupla da matinée “Double Bill” de sábado, 16.

► Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [22] 15:30

THE SEVEN YEAR ITCH

O Pecado Mora ao Lado
de Billy Wilder

com Marilyn Monroe, Tom Ewell, Evelyn Keyes, Sonny Tufts

Estados Unidos, 1955 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O primeiro encontro de Billy Wilder com Marilyn é logo marcado por uma divertida paródia ao mito da vedeta, com uma personagem que não tem nome e corresponde aos fantasmas eróticos dos espectadores, materializados na figura de Tom Ewell, vizinho dessa loura de sonho, num momento em que tem a mulher ausente em férias. Marilyn estava no auge da fama e este é um dos seus mais célebres e citados filmes. É ainda o filme da mais icónica das suas cenas, de vestido branco esvoaçante a refrescar-se num respiradouro de metropolitano no sufocante verão que THE SEVEN YEAR ITCH retrata. A cena foi filmada em setembro de 1954 numa rua de Nova Iorque. A apresentar em cópia digital.

► Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [27] 19:00

THE BIRDS

Os Pássaros
de Alfred Hitchcock

com Tippi Hedren, Rod Taylor, Jessica Tandy, Susanne Pleshette

Estados Unidos, 1963 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos maiores êxitos públicos de Hitchcock e uma das suas obras mais perfeitas. Adaptado de um conto de Daphne du Maurier, THE BIRDS segue a personagem de Tippi Hedren na ida à cidade costeira de Bodega Bay e ao encontro de uma estranha revolta de pássaros que começam a atacar as pessoas. Como estrelas dos efeitos especiais deste filme, elaboradas miniaturas de pássaros, que foram combinadas com pinturas e uso de retroprojeção. “Tudo acontece sem causa, ou, usando o conceito equivalente no campo moral, sem culpa. No termo dum processo que nos foi progressivamente mostrando ilusórias aparências dessa culpa. THE BIRDS desmonta essa mesma aparência e coloca-nos face ao vazio mais radical” (João Bénard da Costa).

► Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [28] 21:30

LE CARROSSE D’OR

A Comédia e a Vida
de Jean Renoir

com Anna Magnani, Duncan Lamont, Edoardo Gattolero

França, Itália, 1952 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado numa peça de Merimée, que estabelece paralelos entre a comédia e a vida, como diz o título português, é a primeira das três obras estilizadas e “mozartianas” que Renoir realizaria de enfiada nos anos cinquenta, ao lado de ELENA ET LES HOMMES e FRENCH CANCAN. Longe da tensão entre realismo e artifício que caracteriza a sua produção dos anos trinta, é um filme que assume o seu aspecto teatral e artificial. Foi realizado em três versões – inglesa, francesa e italiana – sempre com os mesmos atores, daí que tenha também os títulos LA CAROZZA D’ORO e THE GOLDEN COACH. Renoir considerava a versão inglesa como a mais autêntica e é esta que apresentamos.

► Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [29] 21:30

O ACTO DA PRIMAVERA

de Manoel de Oliveira

com habitantes da aldeia da Curalhal

Portugal, 1962 – 90 min | M/12

O ACTO DA PRIMAVERA fixa uma representação da Paixão de Cristo numa aldeia de Trás-Os-Montes, e mostra também, de forma magistral, a impercetível passagem do quotidiano à representação do sagrado e o regresso ao quotidiano, confundindo o ritual com a representação. Também programado em “Filmes Portugueses Legendados” na versão legendada em francês, a 6, às 18h30.

► Sala M. Félix Ribeiro | Sáb. [30] 21:30

DISHONORED

Fatalidade

de Josef von Sternberg

com Marlene Dietrich, Victor McLaglen, Lew Cody, Warner Oland, Gustav von Seyffertitz

Estados Unidos, 1931 – 91 min / legendado em português | M/12

No “duelo” que as duas divas dos anos trinta, Marlene e Greta Garbo, travaram por imposição dos estúdios (Paramount e MGM, respetivamente), DISHONORED é uma resposta a MATA HARI, interpretada pela segunda. E é imensamente superior, não só pela qualidade da encenação de Sternberg, naquele que talvez seja o seu filme mais venenoso e fetichista, como pela imagem transmitida por Marlene Dietrich, de um erotismo inultrapassável, na figura de uma espia (Agente X27) que se deixa matar por amor durante a Primeira Guerra Mundial. A cena do fuzilamento é uma das mais provocantes do cinema americano antes do código da censura.

SALA M. FÉLIX RIBEIRO

1917 NO ECRÃ I

em colaboração com o Gosfilmofond – Fundo Nacional de Cinema da Federação da Rússia

“Aquilo que passou pelo cinema e foi por ele marcado, já não pode entrar noutra sítio” – Jean-Luc Godard. Esta frase, extraída das HISTOIRE(S) DU CINÉMA, aplica-se particularmente bem à História, quando esta “entra” para o cinema. É o que se passa com acontecimentos imediatamente anteriores à invenção do cinema e que este anexa (a Guerra da Secessão ou a “conquista do Oeste” americano) e, de modo ainda mais marcante, com os acontecimentos que tiveram lugar depois da invenção do cinema, que é uma grande máquina de fabricar mitos (no sentido de alegoria que evoca factos passados ou de relação idealizada destes factos, que passam a ter outro sentido). A nossa apreensão do nacional-socialismo, assim como a do comunismo, para darmos dois exemplos irrecusáveis, foi marcada para sempre pela representação que tiveram no cinema, seja este de ficção, de propaganda ou documental. O grande cinema soviético do período mudo, o cinema revolucionário que nasce da Revolução de Outubro, não é realista, não descreve os factos: dá-lhes a forma de alegorias, idealiza-os, sintetiza-os. A prova mais marcante disto é que poucos espectadores se lembram de que o mais célebre filme soviético de sempre, O COURAÇADO POTEMKINE, não aborda a revolução de 1917 e sim a de 1905. No entanto, o filme de Eisenstein passou a ser o símbolo absoluto da revolução de 1917. Ao mostrar uma revolução, mas acabar por representar outra, devido à percepção dos espectadores, O COURAÇADO POTEMKINE tornou-se uma das mais famosas metonímias históricas do cinema (“figura de estilo que consiste em designar um objeto, uma realidade por meio de um termo referente a outro objeto ou a outra realidade que se encontram ligados aos primeiros por uma relação lógica”, como se lê no nosso Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa). Em OUTUBRO, do mesmo Eisenstein, a tomada do Palácio de Inverno também é uma alegoria, uma versão mitológica dos factos. Por isto, este Ciclo organizado por ocasião do centenário do acontecimento histórico mais marcante do século XX e aquele que teve as mais vastas consequências – a revolução comunista de 1917 – não é um Ciclo sobre o cinema soviético, nascido desta revolução, que foi durante decénios um dos seus temas centrais, através dos gelos e degelos do regime. O conceito do Ciclo “1917 no Ecrã” consiste em percorrer as diversas formas em que a Revolução Bolchevista e a guerra civil que se lhe seguiu e que durou cerca de cinco anos foram representadas no cinema, tanto na União Soviética como em outros países. Foi-o de diversas maneiras: como um acontecimento presente, como um momento de História (Lenine surgiu muito cedo como personagem de ficção), mas também como um simples pano de fundo para aventuras romanescas. No nosso programa, as três exceções que fogem a esta regra são O COURAÇADO POTEMKINE, pelos motivos expostos acima, “AS AVENTURAS EXTRAORDINÁRIAS DE MR. WEST NO PAÍS DOS BOLCHEVISTAS”, por ser um filme sobre a imagem do regime comunista no estrangeiro (usando as armas do adversário, para satirizá-lo) e “A SEXTA PARTE DO MUNDO”, por ser uma síntese de 10 anos dos resultados da revolução. Por conseguinte, os quinze programas que formam a primeira parte deste Ciclo (vinte e oito outros serão apresentados em outubro e novembro) ilustram as diversas maneiras em que a Revolução e a guerra civil foram mostradas. Reunimos clássicos dos grandes nomes do cinema mudo soviético (Sergei Eisenstein, Dziga Vertov, Vsevolod Pudovkine, Aleksandr Dovjenco) e uma obra-prima pouco conhecida do mesmo período, de Nikolai Chenguelia; um exemplo de um ilustre cineasta do período czarista (Evgueni Bauer), que aborda a revolução de Fevereiro; dois clássicos soviéticos dos anos trinta, em que o cinema de poesia do período mudo é substituído pela prosa narrativa (CHAPAEV e a trilogia de MAXIM) e cujas narrativas se estendem por um período de vários anos. Mas também incluímos filmes em que a revolução é um simples pano de fundo para aventuras sentimentais e exóticas (como KNIGHT WITHOUT ARMOUR), além de DR. JIVAGO, outro exemplo da representação da revolução bolchevista e das suas consequências através de um grande espetáculo.

Chamamos a atenção para o facto de O COURAÇADO POTEMKINE ser apresentado em duas versões: a “tradicional”, muda e com o acréscimo de música de Chostakovich; e a rara e insólita “versão alemã” de 1930, com a música original de Edmund Meisel, a supressão dos intertítulos e o acréscimo de diálogos falados em alemão. Os filmes não foram deliberadamente programados em ordem cronológica, mas de modo a ilustrarem as maneiras muito diferentes como o tema foi tratado. O espectador que acompanhar todo o Ciclo não ficará a saber mais do que já sabe sobre a Revolução Bolchevista, mas terá certamente uma noção mais clara da maneira como ela foi representada em 90 anos de cinema.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Qui [7] 21:30**
 ► segunda exibição em outubro

ASNEOBICHAINIE PRIKLIUCHENIA MISTERA VESTA VB STRANE BOLSHEVIKOV

“As Aventuras Extraordinárias de Mr. West no País dos Bolchevistas”
 de Lev Kulechov

com Boris Barnet, Vladimir Vogel, Pyotr Galadzhnev, Anatoli Gorchilin
 URSS, 1924 – 70 min / mudo, intertítulos em russo, legendados eletronicamente em português | M/12

sessão apresentada por Peter Bagrov

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO

Grande clássico da história do cinema, “As Aventuras Extraordinárias de Mr. West no País dos Bolchevistas” é uma comédia, em que Lev Kulechov, um dos nomes mais ilustres da extraordinária escola soviética do período mudo, parodia com muito humor e talento o cinema burlesco americano. Assistimos às deambulações de um americano, Mr. West, e do seu guarda-costas “cowboy” (interpretado pelo futuro realizador Boris Barnet) em Moscovo, lutando contra um grupo de malfeitores, descobrindo as conquistas do socialismo e pondo de lado os clichés sobre a realidade soviética. Mas Kulechov era um verdadeiro formalista e não se limita a fazer uma paródia. Estiliza um género, atento à precisão da montagem e ao modo de representação dos atores.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [8] 21:30**

BRONENOSETS POTIOMKINE

O Couraçado Potemkine
 de Sergei M. Eisenstein

com Aleksander Antonov, Grigori Alexandrov, Vladimir Barsky
 URSS, 1925 – 74 min / mudo – versão musicada, intertítulos em russo legendados em português | M/12

Na primeira metade dos anos vinte, a União Soviética conheceu um extraordinário florescimento artístico, em todos os domínios, com obras duplamente de vanguarda: do ponto de vista formal e do ponto de vista político. O COURAÇADO POTEMKINE é, sem dúvida, a mais célebre destas obras e foi, sem dúvida, aquela que mais propagou o ideal e a mitologia da revolução comunista. No entanto, o filme de Eisenstein não aborda a revolução de 1917 e sim a de 1905. Mas quantos espectadores se lembram disto ou até mesmo se apercebem disto ao ver o filme? Pondo em prática as suas teorias sobre a montagem, elemento fundamental em todo o cinema de vanguarda, Eisenstein fez deste filme de encomenda um momento absolutamente eletrizante, com a mais célebre sequência da história do cinema: o massacre na escadaria de Odessa. A apresentar na versão musicada com trechos de Chostakovich, organizada por Naum Kleiman, grande especialista da obra de Eisenstein. *Chama-se a atenção para a apresentação da rara versão alemã de 1930 do filme, no dia 26 (ver entrada respetiva).*

► **Sala M. Félix Ribeiro | Sáb. [9] 21:30**
 ► segunda exibição em outubro

OKTIABR

Outubro
 de Sergei M. Eisenstein

com Vassili Nikandrov, Nikolai Boris Lianov,
 URSS, 1927 – 100 min / mudo – versão musicada, intertítulos em russo, legendados em português | M/12

Realizado dois anos depois de O COURAÇADO POTEMKINE, OUTUBRO foi uma encomenda oficial para o décimo aniversário da Revolução Bolchevique e marca o começo do fim do estado de graça de Eisenstein junto às autoridades, o que prenunciava o fim do grande cinema revolucionário soviético. Substituindo a “montagem de atrações” de POTEMKINE pela “montagem intelectual”, numa tentativa de veicular ideias abstratas através de imagens, OUTUBRO é o filme mais “experimental” alguma

vez feito por Eisenstein e marca o apogeu da convergência entre vanguarda formal e vanguarda política, durante o breve período em que ambas foram inseparáveis na URSS. O filme teve também um papel decisivo na configuração do mito da Revolução, cujos acontecimentos decisivos, que acarretaram a abdicação do czar, ocorreram em fevereiro de 1917, ao passo que em outubro daquele ano deu-se um golpe de Estado (a multidão não invadiu o palácio, como acontece no filme) que garantiu a vitória dos comunistas. Neste sentido, o filme é o mais célebre e perfeito exemplo da reinvenção de um acontecimento histórico pelo cinema.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [11] 15:30**
 ► **Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [15] 21:30**

DR ZHIVAGO

Dr. Jivago
 de David Lean

com Omar Shariff, Julie Christie, Geraldine Chaplin, Rod Steiger, Tom Courtenay, Alec Guinness

Estados Unidos, 1965 – 200 min / legendado em espanhol | M/12

sessão com intervalo

Três anos depois de LAWRENCE OF ARABIA, David Lean realizou mais uma superprodução em 70 mm, com um elenco de vedetas internacionais: DR. JIVAGO, que foi filmado em Espanha. O filme aproveitou-se do escândalo que cercara a publicação do romance de Boris Pasternak (1957), proibido na URSS, mas trazido clandestinamente para Itália, onde foi publicado no ano seguinte por um importante editor, que era membro do Partido Comunista, do qual foi expulso por este motivo. Grande escritor, Pasternak recebeu o Prémio Nobel de Literatura em 1958, por motivos inegavelmente políticos, mas as autoridades soviéticas obrigaram-no a recusá-lo. A narrativa estende-se por vários anos entre a Revolução de 1905 e a guerra civil que se seguiu à Revolução de 1917, com um epílogo situado nos anos cinquenta. Através destes acontecimentos históricos, acompanhamos as peripécias vividas pela personagem titular, um médico, que é alistado à força no Exército Vermelho e é separado da mulher que ama. Como em LAWRENCE OF ARABIA, os acontecimentos históricos são um pano de fundo para um grande espetáculo, embora a segunda parte do filme seja romanesca e psicológica, menos espetacular. A música de Maurice Jarre, sobretudo o “tema de Lara”, tornou-se mundialmente célebre. O filme não é apresentado na Cinemateca desde 1998.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [11] 21:30**

PADENIE DINASTY ROMANOVICHT

“A Queda da Dinastia Romanov”
 de Esther Chub

URSS, 1927 – 87 min / mudo, intertítulos em russo, legendados eletronicamente em português

REVOLUCIONER

“O Revolucionário”
 de Evgueni Bauer

com Ivan Perestriani, Vladimir Strijevsky, Zoia Barancevich

Rússia, 1917 – 34 min / mudo, intertítulos em russo legendados eletronicamente em português

duração total da projeção: 121 min | M/12

Esther Chub foi uma das inventoras do filme de montagem, que reorganiza numa nova estrutura material filmado anteriormente. Em 1924, colaborou com Eisenstein numa remontagem de DR. MABUSE DER SPIELER, de Fritz Lang, rebatizado “A PODRIDÃO DOURADA”, hoje perdido. Realizado no âmbito das comemorações do décimo aniversário da revolução bolchevique, “A QUEDA DA DINASTIA ROMANOV” segue um fio narrativo, que acompanha o período final do regime czarista na Rússia. O filme reúne imagens da família real (tratadas muitas vezes de modo irónico) e da vida na Rússia, imagens da guerra e dos acontecimentos de fevereiro e outubro de 1917. Um importante documento. A completar a sessão, o trecho que sobreviveu de “O REVOLUCIONÁRIO”, realizado pelo nome mais célebre do cinema russo do período czarista – Evgueni Bauer – mestre de um elaborado uso da luz e do movimento dos atores em melodramas requintados, de quem a Cinemateca já programou vários filmes. Foi talvez o primeiro filme russo a fazer eco da revolução: foi distribuído em abril de 1917 e Bauer faleceu em julho, por conseguinte, antes da vitória dos bolchevistas. REVOLUCIONER é uma primeira exibição na Cinemateca.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [13] 15:30**
 ► **Sala M. Félix Ribeiro | Sáb. [16] 21:30**

CHAPAEV

de Sergei Vassiliev, Guiorgi Vassiliev

com Boris Babotchkine, Boris Blinov, Varvara Missinkova

URSS, 1934 – 94 min / legendado em português | M/12

Clássico do cinema soviético, correalizado por dois cineastas homónimos, CHAPAEV evoca a vida de uma personagem real, um camponês analfabeto que comandou uma divisão do Exército Vermelho durante a Primeira Guerra Mundial e a Guerra Civil. Tudo gira à volta da personagem titular, um chefe excepcional, cuja inteligência e energia mobilizaram as massas. Realizado pouco antes do início do terror de Estado estalinista e recebido com entusiasmo na União Soviética, foi considerado por Sergei Eisenstein como o modelo do “terceiro período” do cinema soviético, depois dos filmes de massas do primeiro período e as histórias de indivíduos do segundo período. Em CHAPAEV, o indivíduo, a personagem titular, representa e encarna as massas proletárias – é ele mesmo e é todos os outros.

SALA M. FÉLIX RIBEIRO

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [14] 21:30**

DVADTSAT SHEST KOMISSAROV

“Os 26 Comissários de Baku”
de Nikolai Chenguelaia

com K. Gasanov, Baba-Zade, Hairi Emir-Zade, Alaverdi Melikov
União Soviética, 1932 – 109 min / mudo, intertítulos em russo legendados eletronicamente em português | M/12

Nikolai Chenguelaia (1903-1943) foi um importante cineasta georgiano, pai de dois conhecidos realizadores, Eidar e Guiorgui. A ação de DVADTSAT SHEST KOMISSAROV situa-se em Baku, no Azerbaijão, no início da guerra civil que se seguiu à vitória da revolução bolchevista. A cidade está isolada do resto da União Soviética, asediada por tropas estrangeiras e a fome espreita. Os anticomunistas tomam o poder e os vinte e seis comissários comunistas de Baku são deportados e fuzilados, antes da vitória final: Baku torna-se soviética. Longe do simplismo político – o que lhe valeu críticas à época (falou-se em “fracasso ideológico”) –, o filme de Chenguelaia pertence à corrente de busca formal do cinema soviético mudo (nomeadamente a do “argumento emocional”). Destaque para a fotografia e a composição da imagem, que inclui referências pictóricas. Uma obra fortíssima, característica da riqueza visual de grande parte do cinema realizado nas repúblicas do Cáucaso, como a Arménia e a Geórgia. Primeira exibição na Cinemateca.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [15] 15:30**

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [22] 19:00**

KNIGHT WITHOUT ARMOUR

Cavaleiro sem Armas
de Jacques Feyder

com Marlene Dietrich, Robert Donat,
Irene Vanburgh, Herbert Lomas

Reino Unido, 1937 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12
Produção de Alexander Korda, o húngaro que transpôs para a Grã-Bretanha o sistema e as mitologias de Hollywood. A equipa do filme é muito cosmopolita, pois além de Marlene Dietrich e Jacques Feyder, reúne Miklos Roszá na música e Lazare Meerson na cenografia. A narrativa começa nos últimos momentos do regime czarista e atravessa a revolução e a guerra civil. Marlene Dietrich é uma condessa russa, que acaba por se envolver com um jovem tradutor inglês, que se aliara a um comissário comunista. Feyder mostra a vedeta sob os mais variados aspectos: como uma aristocrata rica nas corridas de cavalos, a enfrentar a plebe no parque do seu castelo, disfarçada de camponesa para fugir da revolução, nua num banho de espuma e vestida de homem. Apesar do lado romanesco, o argumento tem um mínimo de veracidade histórica, pois as peripécias dos protagonistas são condicionadas pela instabilidade do poder, entre Brancos e Vermelhos, durante a guerra civil.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [18] 15:30**

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [20] 19:00**

ARSENAL

de Aleksandr Dovjenko

com Semen Svassenko, D. Erdman, Sergei Petrov

URSS, 1929 – 90 min / mudo, intertítulos em russo legendados eletronicamente em português | M/12

Um dos clássicos do cinema soviético mudo, que Dovjenko realizou entre ZVENIGORA e A TERRA. Como é frequente no cinema de Dovjenko, a ação não é totalmente linear – progride através de momentos fortes. Estamos na Primeira Guerra Mundial, no momento em que começa a revolução bolchevique. Um operário de regresso da frente de guerra denuncia a política do governo e uma fábrica torna-se o centro revolucionário dos operários de Kiev. O filme é pontuado por diversas cenas célebres e marcantes: um comboio que descarrila, uma família de burgueses amedrontada no seu apartamento, o massacre dos grevistas pelos Brancos e sobretudo a prosopopeia final: fuzilado, o herói não cai morto e continua a desafiar os inimigos.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [19] 21:30**

MAT

A Mãe

de Vsevolod Pudovkine

com Vera Baranovskaia, Nikolai Batalov, Anna Zemcova

URSS, 1925 – 87 min / mudo, intertítulos em russo, legendados em português | M/12

Vsevolod Pudovkine será lembrado para sempre por três filmes realizados nos anos vinte: A MÃE, O FIM DE SÃO PETERSBURGO e TEMPESTADE NA ÁSIA. Baseado num romance de Gorki, publicado em 1906, mas realizado dois anos depois do fim da guerra civil que se seguiu à revolução de 1917, A MÃE é a história de uma tomada de consciência política, filmada num estilo menos vanguardista que o de Eisenstein. Um jovem operário revolucionário é preso e a mãe acaba por se unir à luta do filho. O desempenho excepcional de Vera Baranovskaia no papel principal é um dos trunfos do filme e continua a entusiasmar os espectadores. Este grande clássico foi um dos raros filmes soviéticos à época distribuídos em Portugal, embora com muitos cortes.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [20] 15:30**

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qui. [21] 19:00**

BRITISH AGENT

de Michael Curtiz

com Leslie Howard, Kay Francis, Cesar Romero

Estados Unidos, 1934 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado num romance autobiográfico, este filme, contrariamente

a outras produções americanas sobre a revolução de 1917, não transforma os acontecimentos em simples plano de fundo. Estamos em 1917 e tanto a Primeira Guerra Mundial como a revolução bolchevista estão no auge. Um agente dos serviços secretos britânicos tem a missão de impedir que Lenine assine um acordo de paz separado com a Alemanha, o que prejudicaria os interesses britânicos. O homem entra em contacto com uma agente secreta bolchevista e, como é inevitável, os dois terão uma ligação romântica, enquanto lutam por forças políticas opostas. Curtiz encena as cenas de violência revolucionária com a sua habitual eficácia e o filme tem o ritmo rápido que caracteriza as produções da Warner. BRITISH AGENT nunca teve estreia comercial em Portugal e é apresentado pela primeira vez na Cinemateca.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [22] 21:30**

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [25] 15:30**

YOUNEST MAXIMA

“A Juventude de Máximo”

de Grigori Kozintsev, Illya Trauberg

com Boris Chirkov, Valentina Kibardina,
Aleksandr Kulabov, Mikhail Tarkhanov

URSS, 1935 – 97 min / legendado em português | M/12

A chamada “Trilogia de Máximo”, cuja ação decorre entre 1910 e 1917, é um marco importante no cinema soviético. Os três filmes foram concebidos como um todo. Os seus realizadores foram membros célebres do grupo de Leningrado da primeira vanguarda do cinema soviético, na FEKS (Fábrica do Ator Excêntrico) e realizaram um dos grandes clássicos do período final do cinema mudo, NOVY BABYLON (“A NOVA BABILÓNIA”). Mas a trilogia marca uma viragem no trabalho da dupla, em parte devido ao facto de ser sonora, em parte por motivos ideológicos. A leitura das memórias de antigos militantes bolchevistas convenceram-nos que estes não podiam ser mostrados como heróis de filmes de aventuras. E, como assinalou Jay Leyda, autor de um livro clássico sobre o cinema soviético, “esta procura de maior veracidade na representação da atividade revolucionária e clandestina também suscitou uma forma nova”. A fotografia é mais simples e direta, evita efeitos marcantes. Nesta primeira parte, o operário Maxim apaixonou-se por uma colega, adere ao movimento bolchevista, participa da luta clandestina e é preso. Mas os realizadores não deixaram de lado o humor, presente em diversos pormenores da ação, inclusive em “gags” visuais remanescentes da FEKS. YOUNEST MAXIMAS não é apresentado na Cinemateca desde 1987.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Sáb. [23] 21:30**

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [26] 15:30**

VOSRACHTCHENÍ MAXIMA

“O Regresso de Máximo”

de Grigori Kozintsev, Illya Trauberg

com Boris Chirkov, Valentina Kibardina,
Aleksandre Kuznetsov, Aleksandr Chistyakov

URSS, 1937 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A ação passa-se em 1914, no início da Grande Guerra. Maxim, “que se tornou um bolchevista plenamente formado” (Jay Leyda), e os seus camaradas organizam greves e participam em grandes manifestações contra a guerra, enfrentando a polícia czarista. Ao analisar as características estéticas da trilogia, cujos autores nunca deixaram de ser formalistas, Leyda observa que a narrativa “segue um fluxo livre. Mas isto aumenta o prazer proporcionado pelo filme, que é baseado num processo de seleção artística – de palavras, gestos, rostos, momentos”. Outra novidade foi ensaiar com os atores episódios que não seriam filmados, para que aquilo que está fora do filme fizesse parte da sua construção.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [25] 21:30**

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [27] 15:30**

VYBORGSKAYA STORONA

“O Quarteirão de Vyborg”

de Grigori Kozintsev, Illya Trauberg

com Boris Chirkov, Valentina Kibardina, Mikhail Zharov,
Maksim Strauch, Mikhail Gelovani

URSS, 1938 – 115 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Vyborg era o bairro operário de Petrogrado. A ação decorre entre a tomada do Palácio de Inverno, em outubro de 1917, e a dissolução da Assembleia Constituinte. Maxim torna-se comissário político e é encarregue de dirigir o banco do Estado. Segundo Jay Leyda, o filme procura responder à pergunta de Lenine: “Poderão os bolchevistas exercer o poder governamental?”. Maxim, por sinal, tem entrevistas com Lenine e Estaline. Talvez devido ao ambiente político cada vez mais pesado e repressivo, o filme tem um ritmo um pouco mais lento do que as duas primeiras partes da trilogia. VYBORGSKAYA STORONA não é apresentado na Cinemateca desde 1987.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Ter. [26] 19:00**

BRONENOSETS POTEMKIN / PANZERKREUZER POTEMKIN

O Couraçado Potemkine

de Sergei M. Eisenstein

com Aleksander Antonov, Grigori Alexandrov, Vladimir Barsky

URSS, 1925 / Alemanha, 1930 – 49 min / versão sonorizada, com diálogos em alemão legendados eletronicamente em português | M/12

SHESTAYA CHAST MIRA

“A Sexta Parte do Mundo”

de Dziga Vertov

União Soviética, 1926 – 83 min / mudo, intertítulos em russo legendados em português

duração total da projeção: 132 min | M/12

SHESTAYA CHAST MIRA COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO

Propomos a rara versão sonorizada de O COURAÇADO POTEMKINE, feita na Alemanha em 1930. Em 1926, para o lançamento do filme na Alemanha, Edmund Meisel compôs uma partitura moderna e dissonante, com elementos do “bruitismo”, que ficou mítica. Quando o filme foi reposto na Alemanha em 1930 fez-se uma versão sonorizada, com a música gravada em discos, o acréscimo de diálogos falados em alemão e, por conseguinte, a supressão dos intertítulos. Uma obra muda foi transformada em “talkie” e projetada a 24 imagens por segundo e não 18, o que acarretou uma redução do tempo de projeção em mais de vinte minutos. Um verdadeiro trabalho de intervenção. Os discos originais, em 78 rotações, foram descobertos no Museu Técnico de Viena e, depois de anos de esforços, esta versão foi restaurada pelo Filmmuseum de Viena. Martin Reinhardt, um dos responsáveis pelo trabalho considera que o resultado final é “uma versão drasticamente nova, uma reinterpretação autónoma”. A apresentar em cópia digital. “A versão reconstruída é uma iniciativa conjunta da Universidade das Artes de Berlim, da Cinemateca de Viena e do Museu Técnico de Viena” (Österreichisches Filmmuseum). Dziga Vertov foi o mais radical de todos os membros da vanguarda cinematográfica soviética dos anos vinte, partidário de um “cinema puro”, sem argumento, atores ou laço algum com a literatura, de que o seu filme mais célebre, O HOMEM DA CÂMARA DE FILMAR, é um verdadeiro manifesto. Realizado três anos antes, “A SEXTA PARTE DO MUNDO” (ou seja, a União Soviética, então o único país comunista do mundo) foi uma encomenda da agência de comércio estatal soviética, para a divulgação internacional do país. Vertov transformou a encomenda num grande cine-poema, concebido como um filme “unanimista”, que mostra diversas regiões da URSS, europeias e asiáticas, contrastando-as com o mundo capitalista. Contrariamente ao que se passa em O HOMEM DA CÂMARA DE FILMAR, aqui os intertítulos são numerosos e a construção é demonstrativa. Uma obra extremamente importante, mas relativamente pouco vista, de uma das figuras mais brilhantes e isoladas da história do cinema.

IN MEMORIAM JEANNE MOREAU

Jeanne Moreau (1928-2017) era um dos últimos grandes símbolos do cinema europeu, um cinema europeu que ela atravessou durante praticamente seis décadas e em vários instantes decisivos. Com uma carreira iniciada no final da década de 1940, e portanto ainda em vigência de uma época clássica – foi atriz de Jacques Becker mas também de alguns baluartes daquela velha guarda francesa para quem a “modernidade” seria tão violenta, como Jean Dréville, Marc Allégret, Henri Decoin, entre outros –, a sua presença trazia já, e desde o início, os indícios e a sugestão de outros tempos, outro cinema, como se ela própria fosse um prenúncio da modernidade. Não admira que tenha sido a chegada dos novos ventos a trazê-la para a primeira linha, definitivamente – como se Louis Malle (primeiro, com ASCENSEUR POUR L’ECHAFAUD e LES AMANTS) e depois Antonioni (com LA NOTTE), Truffaut (com JULES ET JIM), e ainda tantos outros, tivessem reconhecido nela uma atriz capaz de habitar uma ordem de ambivalência essencial a um cinema que doravante se sabia não-inocente e incapaz de proceder a um simulacro de inocência. A disponibilidade de Moreau, que sempre conciliou o cinema “popular” com um cinema artisticamente mais ambicioso, era total, como o atesta ainda a sua colaboração com Marguerite Duras (em NATHALIE GRANGER, arranque da obra cinematográfica da escritora), ou com Orson Welles, ou, mais tarde, com cineastas como Peter Handke, Theo Angelopoulos ou... Manoel de Oliveira, a cujo cinema chegou in extremis, com um pequeno papel em O GEBO E A SOMBRA, derradeira longa-metragem do realizador português. Evocamo-la, cerca de um mês depois da sua morte, com aquele que será o seu mais lendário papel, a Catherine do triângulo de JULES ET JIM. E em THE IMMORTAL STORY.

▶ **Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [1] 15:30**

JULES ET JIM

Jules et Jim

de François Truffaut

com Jeanne Moreau, Oskar Werner, Henri Serre

França, 1962 – 100 min / legendado em português | M/16

JULES ET JIM é um título fundamental, não só da Nouvelle Vague mas de toda a obra de Truffaut, que ousou realizar um filme “de época”, o que era absolutamente insólito para o jovem

SALA M. FÉLIX RIBEIRO

cinema de então, guardando o tema da liberdade sexual, uma das marcas da Nouvelle Vague. Baseado num romance de Henri-Pierre Roché, o filme conta a história da relação triangular entre dois homens e uma mulher, numa construção em espiral, rumo a um final trágico e pacificador. Para Jeanne Moreau, Henri Serre e Oskar Werner bastava este filme como garantia de imortalidade. É nele que Moreau corre, ri e canta *Le Tourbillon de la Vie* na pele de Catherine. Truffaut sobre Jeanne Moreau: “Ela tem todas as qualidades que se esperam de uma mulher, mais aquelas que se esperam de um homem, sem os inconvenientes de ambos.”

► **Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [15] 19:00**

THE IMMORTAL STORY

História Imortal
de Orson Welles

com Orson Welles, Jeanne Moreau, Norman Eshley,
Fernando Rey, Roger Coggio

França, Estados Unidos, 1968 – 58 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ver entrada em “Luis Miguel Cintra: O Cinema”.

HOMENAGEM A DELFIM SANTOS

Delfim Santos marcou a sociedade portuguesa do século XX graças a um caminho de excelência na pedagogia e na filosofia que fê-lo desenvolver, em paralelo, um percurso próprio na crítica de cinema. Por ocasião dos 50 anos da sua morte, a Cinemateca associa-se à celebração da sua memória, e às iniciativas organizadas em torno dela (exposição e conferências na Biblioteca Nacional, a publicação de um dossier digital na Hemeroteca Municipal de Lisboa, entre outras evocações), para dedicar-lhe uma sessão da sua programação, onde se projetará uma das várias obras sobre as quais lançou o seu olhar e a sua escrita.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Seg. [25] 19:00**

SIE FANDEN EINE HEIMAT

Aldeia Branca

de Leopold Lindtberg

com John Justin, Eva Dahlbeck

Suíça, Reino Unido, 1953 – 98 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SIE FANDEN EINE HEIMAT será, como DIE LETZTE CHANCE (1945) ou DIE VIER IM JEEP (1950), um dos filmes mais reconhecidos da carreira do realizador austro-suíço Leopold Lindtberg (e integrante da competição do Festival de Cannes de 1953). Passada no contexto da Segunda Guerra Mundial e no centro do continente europeu (numa aldeia dos Alpes Suíços), a “aldeia” do filme é um lugar onde se juntam crianças refugiadas da guerra, uma história de amor entre dois dos seus instrutores, e a instrumentalização, por parte dos poderes políticos (e de quem sofreu com eles), do futuro de jovens vidas que se veem, hoje, sem raízes num continente que vive a maior das suas feridas. Primeira exibição na Cinemateca.

ANTE-ESTREIAS

Depois de uma grande retrospectiva dedicada a Licínio de Azevedo em dezembro de 2015 (“O Espírito do Lugar: Licínio de Azevedo, Cineasta de Moçambique”), a Cinemateca apresenta o mais recente filme do realizador em sessão de estreia, organizada em colaboração com a Ukbar Filmes: COMBOIO DE SAL E AÇÚCAR.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Qua. [27] 21:30**

COMBOIO DE SAL E AÇÚCAR

de Licínio de Azevedo

com Matamba Joaquim, Thiago Justino, Melanie de Vales Rafael,
Absalão Maciel, Mário Mafjaia

Portugal, Moçambique, França, Brasil, África do Sul, 2016 – 93 min | M/16

Exibido no Festival de Locarno de 2016, COMBOIO DE SAL E AÇÚCAR traz a viagem do único comboio existente entre Nampula e Malawi, no meio da guerra civil moçambicana, onde se encontram mantimentos que poderão garantir a subsistência de centenas de civis, famílias e soldados. Os obstáculos, numa linha de comboio sabotada e desfeita, e os dramas encontrados pelo caminho, falam pela história de um país, e dos seus dramas humanitários, que atravessou uma guerra civil para reencontrar a sua independência.

DOUBLE BILL

Neste setembro, apresentamos uma proposta para as sessões Double Bill que põe em relevo o desempenho de inesquecíveis “atores secundários”. Se é verdade, que nos habituámos a vê-los em segundos lugares, não é menos verdade que a memória que deles fica – e são tantos! – nada tem de secundário. Propomos, assim, um conjunto de 8 filmes, 4 Double Bill, em que um ator secundário – ou, puxando pelo termo inglês que nos parece mais certo, um “supporting actor” – passa de um filme para o outro ao lado de uma grande atriz, “leads a leading lady”.

Veremos, no primeiro sábado, Jim Backus com Marilyn Monroe e Maureen O’Hara (DON’T BOTHER TO KNOCK, de Roy Ward Baker e FATHER WAS A FULLBACK, de John M. Stahl). Segue-se Charles Bickford “levando” Judy Garland e Joan Bennett, sucessivamente em A STAR IS BORN (Cukor) e em THE WOMAN ON THE BEACH (Renoir). O penúltimo sábado do mês tem Edward Everett Horton a “conduzir” Betty Grable em THE GAY DIVORCEE (Mark Sandrich) e, em POCKETFUL OF MIRACLES (Frank Capra), a “segurar” Betty Davis. Por último, a proposta deriva um pouco e vamos estar com David Cronenberg, primeiro num papel ao lado de Vera Miles no filme de John Landis, INTO THE NIGHT, e depois com Rosanna Arquette em CRASH, filme que ele próprio realizou, onde só lhe ouvimos a voz.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Sáb. [9] 15:30**

DON’T BOTHER TO KNOCK

Os Meus Lábios Queimam

de Roy Ward Baker

com Richard Widmark, Marilyn Monroe, Anne Bancroft,
Donna Corcoran, Jeanne Cagney, Elisha Cook Jr.

Estados Unidos, 1952 – 75 min / legendado eletronicamente em português

FATHER WAS A FULLBACK

de John M. Stahl

com Fred MacMurray, Rudy Vallee, Maureen O’Hara,
Natalie Wood, Betty Lynn, Thelma Ritter

Estados Unidos, 1949 – 84 min / legendado eletronicamente em português

duração total da projeção: 159 min | M/12

entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 30 minutos

DON’T BOTHER TO KNOCK é o filme em que, pela primeira vez, Marilyn Monroe é cabeça de cartaz. Nesta adaptação de um conto de Charlotte Armstrong, especialista do thriller psicológico, Marilyn é uma jovem neurótica saída de uma clínica psiquiátrica que julga ver em Widmark o noivo perdido na guerra, sofrendo um colapso que a empurra para uma situação dramática. Parece um filme premonitório da história da atriz, que acaba tão perdida como acabou na vida. Muito pouco visto, é um filme essencial para o mito de Marilyn. FATHER WAS A FULLBACK segue a história de um treinador de uma equipa de futebol americano de escola pondo Fred MacMurray ao lado de Maureen O’Hara, o casal protagonista cuja vida familiar é perturbada quando a filha adolescente (Betty Lynn) se envolve com um jovem jogador de futebol. Na personagem da filha e irmã mais nova, Natalie Wood desempenha um dos seus primeiros papeis. Foi o penúltimo filme de Stahl, que no mesmo ano assinaria OH, YOU BEAUTIFUL DOLL e cuja obra se ressentiu da falta de acolhimento público depois de LEAVE HER TO HEAVEN em meados da década de quarenta. DON’T BOTHER TO KNOCK é apresentado em cópia digital. FATHER WAS A FULLBACK é uma primeira exibição na Cinemateca.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Sáb. [16] 15:30**

A STAR IS BORN

Assim Nasce Uma Estrela

de George Cukor

com Judy Garland, James Mason, Jack Carson, Charles Bickford

Estados Unidos, 1954 – 170 min / legendado em espanhol

THE WOMAN ON THE BEACH

A Mulher Desejada

de Jean Renoir

com Joan Bennett, Robert Ryan, Charles Bickford

Estados Unidos, 1946 – 70 min / legendado em português

duração total da projeção: 240 min | M/12

entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 30 minutos

Cukor adapta a versão de A STAR IS BORN filmada por William Wellman em 1937 que, por sua vez, retomava o seu WHAT PRICE HOLLYWOOD? (1932), ajustando a um musical o argumento da história original de Wellman e Robert Carson. Foi o primeiro musical de Cukor e a sua primeira obra em Technicolor e CinemaScope. O filme foi amputado de algumas sequências na altura da estreia, mas foi restaurado na década de oitenta. Inicialmente, Jean Renoir fizera de THE WOMAN ON THE BEACH uma espécie de prolongamento de LA BÊTE HUMAINE como estudo da relação entre o desejo sexual e a pulsão criminosa, com uma forte carga erótica. Mas, às primeiras projeções privadas, ficou claro que o público não entendia o objetivo do realizador, que o remontou, surgindo THE WOMAN ON THE BEACH dentro da linha do “filme negro”, com mulher fatal e um herói traumatizado da guerra. Um dos mais insólitos e perturbantes filmes de Renoir. A STAR IS BORN está também programado no Ciclo “Luis Miguel Cintra”, a 19, às 18h30.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Sáb. [23] 15:30**

THE GAY DIVORCEE

A Alegre Divorciada

de Mark Sandrich

com Fred Astaire, Ginger Rogers, Edward Everett Horton, Eric
Blore, Betty Grable

Estados Unidos, 1934 – 104 min / legendado em português

POCKETFUL OF MIRACLES

Milagre por Um Dia

de Frank Capra

com Glenn Ford, Bette Davis, Hope Lange,
Arthur O’Connell, Edward Everett Horton

Estados Unidos, 1961 – 136 min / legendado em espanhol

duração total da projeção: 240 min | M/12

entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 30 minutos

A peça da Broadway intitulava-se *The Gay Divorcee*, mas o código de censura objetou, entendendo que, ao contrário de um divórcio, uma divorciada podia ser alegre. Foi o primeiro filme com Fred Astaire e Ginger Rogers nos principais papéis, com secundários inseparáveis deles (Edward Everett Horton, Eric Blore). Foi também o primeiro filme do par dirigido por Mark Sandrich, o realizador que melhor percebeu que “ou dançava a câmara ou dançava Astaire”. A música é de Cole Porter: *Night and Day* nasceu neste filme, *The Continental* obteve o Oscar da melhor canção. Para o último filme da sua carreira de realizador, coube a Frank Capra dirigir uma nova versão de um dos seus primeiros grandes sucessos dos anos trinta – LADY FOR A DAY –, rebatizado POCKETFUL OF MIRACLES, onde Glenn Ford (também produtor) é um “gangster” supersticioso que, crente na sorte que lhe dão as maçãs compradas a uma velha vendedora (Bette Davis) a faz passar por grande dama quando a filha vem, da Europa, visitá-la.

► **Sala M. Félix Ribeiro | Sáb. [30] 15:30**

INTO THE NIGHT

Pela Noite Dentro

de John Landis

com Jeff Goldblum, Michelle Pfeiffer, Stacey Pickren,
Dan Aykroyd, Carmen Argenziano

Estados Unidos, 1985 – 115 min / legendado eletronicamente em português

CRASH

Crash

de David Cronenberg

com James Spader, Holly Hunter, Elias Koteas,
Rosanna Arquette, Deborah Kara Unger

Canadá, 1996 – 100 min / legendado em espanhol

duração total da projeção: 215 min | M/18

entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 30 minutos

INTO THE NIGHT é uma comédia thriller, em que a personagem de Michelle Pfeiffer envolve o protagonista interpretado por Jeff Goldblum numa intriga internacional – é o fim da vida entediante dele, subitamente enredado numa aventura que lhe põe a vida em risco. O filme é conhecido pela série de aparições de cineastas que nele figuram, e que incluem o próprio John Landis e David Cronenberg, mas também Jack Arnold, Roger Vadim, Don Siegel, Lawrence Kasdan, Paul Mazursky ou Jonathan Demme. Adaptado de um romance de J.G. Ballard, CRASH provocou enorme escândalo no Festival de Cannes e relançou o debate sobre a censura ao cinema em meados dos anos noventa. É um dos pontos culminantes da obra de Cronenberg, perturbante olhar sobre a sexualidade, onde a carne se funde com o metal e as carcaças dos automóveis acidentados se transformam em fetiche.

O QUE QUERO VER

POR SUGESTÃO DOS NOSSOS ESPECTADORES

► **Sala M. Félix Ribeiro | Sex. [1] 21:30**

VAGHE STELLE DELL’ORSA

Sandra

de Luchino Visconti

com Claudia Cardinale, Jean Sorel, Michael Craig

Itália, 1965 – 105 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A partir de uma ideia original de Suso Cecchi D’Amico, e dois anos depois de O LEOPARDO, Visconti regressa ao preto-e-branco para trazer um novo e polémico olhar sobre os segredos e a decadência da aristocracia italiana. Desta vez, o realizador filma o regresso de Sandra (Claudia Cardinale) à sua terra natal, na Toscana, acompanhada pelo seu marido americano, onde este descobre as fraturas de um passado que afetam, no presente, a vida de uma família ressentida pela traição, o incesto, e a rutura dos seus elos. Premiado no Festival de Veneza de 1965.

SALA LUÍS DE PINA

HISTÓRIAS DO CINEMA:
PETER BAGROV / FRIDRIKH ERMLER

em colaboração com o Gosfilmofond – Fundo Nacional de Cinema da Federação da Rússia

Peter Bagrov Historiador e arquivista de cinema, Bagrov é, desde 2013, o Conservador Principal do Gosfilmofond (o Arquivo Nacional de Cinema da Rússia) onde é também diretor artístico do festival de filmes de arquivo ali anualmente organizado. Doutorou-se no Instituto de Estudos Cinematográficos em Moscovo e é pesquisador associado no Instituto Russo de História da Arte. É autor do livro *"Cinderela: Residentes do Reino Mágico"* (2011), sobre a realização de um filme clássico soviético de 1947 e sobre o destino da vanguarda na era do "cosmopolitismo". Tem programado retrospectivas em diversos festivais, tais como o II Cinema Ritrovato (Bolonha) e as Giornate del Cinema Muto (Pordenone), e tem trabalhado intensamente na arqueologia do cinema, descobrindo e identificando dezenas de obras até aí consideradas perdidas.

Fridrikh Ermler (1898-1967) pertence à primeira e brilhante geração de cineastas soviéticos, a mesma de Sergei Eisenstein, Dziga Vertov, Aleksandr Dovjenco ou Boris Barnet entre muitos outros. Na opinião de Peter Bagrov, "Ermler pertencia à mesma raça de loucos que Vsevolod Pudovkine, Ivan Pyriev e Mark Donskoi, personalidades desequilibradas, explosivas, excêntricas, tresloucadas, ingénuas e teimosas, muito à frente do seu tempo e que, simultaneamente, registavam este tempo da maneira mais precisa que se pode imaginar". Mas Bagrov também assinala que "é extremamente difícil escrever sobre Ermler", em parte devido "à ingenuidade e à convicção que o caracterizavam. Mas se pusermos de lado a ideologia (que, no seu caso, nada tinha de ambígua) resta-nos o seu talento artístico. E Ermler é inegavelmente um dos maiores mestres do cinema soviético e, digo-o sem hesitação, do cinema mundial".

No entanto, Ermler nunca foi considerado à mesma altura dos grandes mestres da sua geração na União Soviética, embora os críticos e historiadores do período clássico, como Jay Leyda, tenham dado a devida atenção ao seu trabalho. Em anos recentes, foi reavaliado, assim como outros cineastas soviéticos da sua geração.

Nascido na Letónia, numa família judia de poucos recursos, o futuro realizador apaixonou-se pelo cinema aos 15 anos e decide ser ator. Mas só em 1923, no fim da guerra civil, entra para o Instituto da Arte Cinematográfica em Petrogrado, que abandona no ano seguinte, para fundar a Oficina Cinematográfica Experimental, KEM, sob a influência da FEKS (Fábrica do Ator Excêntrico), de Grigori Kozintsev e Leonid Trauberg, um dos muitos grupos experimentais do cinema soviético dos anos da festa revolucionária. Mas, segundo Jay Leyda, contrariamente à FEKS, Ermler favorecia o "conteúdo revolucionário" sobre a "forma revolucionária". Nos anos vinte, período em que o cinema soviético foi particularmente rico, Ermler realiza duas das suas obras-primas, *KATKA-BUMAJHNY RANET* e *OBLMOK IMPERII*, ambos incluídos nestas "Histórias do Cinema". Bernard Eisenschitz nota que os filmes mudos de Ermler mostram "situações tiradas das mudanças do país, personagens que tentam refletir e que mudam, problemas de moral, e favorecem a rotação em exteriores e a improvisação". Nos gelos e degelos do cinema soviético dos anos trinta, Ermler realiza *KRESTYANE*, sobre o clássico tema da coletivização das terras e o vasto e complexo *VELIKI GRAJDANIN* ("O GRANDE CIDADÃO"), sobre a luta entre a "linha do Partido" e os "fracionários". A "Grande Guerra Patriótica" foi tema de dois filmes seus, *ONA ZASH CHISH CHAYET* ("ELA DEFENDE A SUA PÁTRIA") e *VELIKIJ PARELOM* ("A VIRAGEM DECISIVA"), que, na opinião de Eisenschitz, "ilustram a conceção mais elevada do filme de guerra nos seus dois momentos – guerra do povo e guerra dos generais". O período posterior à guerra parece ter sido marcado por uma certa desilusão por parte de Ermler, que realizou poucos filmes e chegou a declarar em 1959 que "desde 1948, creio que já não gosto do cinema. No entanto, quando era jovem, tinha muito talento". O seu último filme, *PERED SUDOM ISTORII*, é ao mesmo tempo um posfácio à sua obra e um testamento político, que alguns consideram como o seu filme mais radical. Fridrikh Ermler atravessou 40 anos do cinema soviético e as vicissitudes políticas deste longo período, ao longo do qual realizou uma obra de valor excepcional, de que estas "Histórias do Cinema" permitirão aos espectadores da Cinemateca terem uma síntese. À exceção de *OBLMOK IMPERII* e *PERED SUDOM ISTORII*, os filmes apresentados são inéditos na Cinemateca.



OBLMOK IMPERII

▶ Sala Luís de Pina | Seg. [4] 18:00

KATKA-BUMAJHNY RANET

"Katka, a Vendedora de Maças"
de Fridrikh Ermler, Eduard Loganson

com Veronika Bujanskaya, Fyodor Nitkin,
Bella Chernova, Valery Solotsov

URSS, 1926 – 73 min / mudo, intertítulos em russo legendados eletronicamente em português | M/12

Geralmente considerado como o primeiro grande filme de Ermler, *KATKA-BUMAJHNY RANET* (correalizado com Eduard Loganson) tem algo de manifesto realista. Situado nos primeiros tempos da NEP (Nova Política Económica), o filme mostra-nos as aventuras de uma jovem que vai para Petrogrado em busca de trabalho e tem de vender maçãs na rua para sobreviver. Ermler leva-nos ao mundo do crime na antiga capital imperial e a protagonista é explorada, seduzida e abandonada, antes de encontrar um homem que gosta dela e a protege, numa notável interpretação de Fyodor Nitkin. Um dos grandes clássicos pouco vistos do cinema mudo soviético.

▶ Sala Luís de Pina | Ter. [5] 18:00

OBLMOK IMPERII

"Um Fragmento do Império"
de Fridrikh Ermler

com Fyodor Nitkin, Sergei Guerassimov,
Yakov Gudkin, Ludmilla Semenova

URSS, 1929 – 96 min / mudo, intertítulos em russo legendados eletronicamente em português | M/12

Geralmente considerado a obra-prima do período mudo de Ermler, *OBLMOK IMPERII* conta a história de um homem que perdeu a memória durante a Guerra Civil e recupera-a ao cabo de 10 anos. Dirige-se então a Leninegrado, constata, com espanto, as profundas mudanças ocorridas na cidade e no país e também reencontra o seu antigo patrão e a sua antiga mulher, que o julgavam morto. Alguns críticos veem no filme, pontuado por monólogos interiores, ecos do interesse de Ermler pela psicanálise. Jay Leyda nota que *OBLMOK IMPERII* aborda "os problemas mais sérios do período: os aspectos humanos da construção do socialismo, os problemas das novas relações de trabalho, da cultura de massa e da vida de família". As imagens são de uma qualidade excepcional.

▶ Sala Luís de Pina | Qua. [6] 18:00

KRESTYANE

"Camponeses"
de Fridrikh Ermler

com Aleksei Petrov, Elena Junger,
Nicolai Bogolyubov, Boris Poslavsky

URSS, 1934 – 114 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Primeiro filme sonoro soviético a abordar o clássico tema da coletivização das terras. *KRESTYANE* Um antigo "kulak" (proprietário de terras), que esconde este passado, trabalha numa quinta coletiva, um "kolkhoze". O homem sabota o "kolkhoze" e para não ser denunciado mata a própria mulher e leva o cunhado a assassinar um responsável do Partido. Do ponto de vista ideológico, o filme "apresenta toda a argumentação comunista por trás do impulso da coletivização e da liquidação dos 'kulaks' enquanto classe" (Leyda). Quando *KRESTYANE* foi mostrado, à época, em quintas coletivas, os camponeses declararam ao realizador. "Nunca tínhamos visto um filme como este sobre a nossa luta. Vimo-nos na tela". É precisamente este realismo, por vezes cru, que afasta o filme do esquematismo de outras obras soviéticas sobre o mesmo tema. A título de curiosidade: Estaline surge em *KREYSTANE* como personagem de um filme de animação.

▶ Sala Luís de Pina | Qui. [7] 18:00

ONA ZASH CHISH CHAYET

"Ela Defende a sua Pátria"
de Fridrikh Ermler

com Vera Maretskaya, Nicolay Bogolyubov, Lidiya Smirnova

URSS, 1943 – 74 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos muitos filmes soviéticos ambientados durante a Segunda Guerra Mundial. Uma camponesa, cujos marido e filho pequeno foram mortos pelas tropas nazis, organiza uma rede de resistência na sua aldeia e na região circunvizinha. O filme foi distribuído internacionalmente numa versão dobrada em inglês, com o título *NO GREATEST LOVE*. Ermler reata com a tradição das mulheres combatentes no cinema soviético, inaugurada com *O 41º* (1927), de Yakov Protazonov, de que seria feita uma nova versão em 1957, incluída no Ciclo "1917 no Ecrã", que tem início este mês. Naum Kleiman, um dos grandes especialistas do cinema soviético, vê no facto da protagonista do filme ser uma mulher do povo um prolongamento da tendência que se delineava no cinema soviético dos anos trinta em mostrar personagens que não fossem super-heróis.

▶ Sala Luís de Pina | Sex. [8] 18:00

PERED SUDOM ISTORII

"Diante do Julgamento da História"
de Fridrikh Ermler

com Vassili Shulgin

URSS, 1965 – 96 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O último filme de Ermler é um testamento. O cineasta reata com o debate político filmado, que está no cerne do seu monumental *VELIKI GRAJDANIN* ("O GRANDE CIDADÃO"). Mas em *PERED SUDOM ISTORII* não estamos numa ficção e sim numa discussão com uma personagem real, Vassili Shulgin, que fora um importante líder dos brancos, ou seja, dos anticomunistas, durante a guerra civil que se seguiu à Revolução de Outubro. Aos 84 anos, Shulgin tinha uma memória perfeita e o filme é essencialmente composto por monólogos, que são autênticos testemunhos históricos. O realizador comentou: "Triunfa a justiça das nossas ideias leninistas. Não podia ser de outro modo. O filme não teria existido se a verdade, a nossa verdade, não tivesse triunfado!"

sessões-conferência | apresentadas e comentadas
por Peter Bagrov em inglês

**INFORMAÇÃO SOBRE AS SESSÕES
E VENDA ANTECIPADA DE BILHETES**

Para esta rubrica, a Cinemateca propõe um regime de venda de bilhetes específico, fazendo um preço especial e dando prioridade a quem deseje seguir o conjunto das sessões. Assim, quem deseje seguir todas as sessões (venda exclusiva para a totalidade das sessões, máximo de duas coleções por pessoa) poderá comprar antecipadamente a sua entrada pelo preço global de € 22 (Estudantes, Cartão Jovem, Maiores de 65 anos, Reformados: € 12; Amigos da Cinemateca, Estudantes Cinema, Desempregados: € 10) a partir de 1 de setembro, apenas na bilheteira local. Os lugares que não tenham sido vendidos são depois disponibilizados através do sistema de venda tanto na bilheteira local como na Internet (cinemateca.bol.pt) e rede de pontos de venda associados e de acordo com o preço específico destas sessões (Geral: € 5; Estudantes, Cartão Jovem, Maiores de 65 anos, Reformados: € 3; Amigos da Cinemateca, Estudantes Cinema, Desempregados: € 2,60).

SALA LUÍS DE PINA

FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS

Em 2015, a Cinemateca iniciou uma tradição de verão: em julho e setembro, é apresentada, na Sala Luís de Pina, uma mostra eclética de filmes portugueses em cópias legendadas em línguas estrangeiras (inglês e francês). Não deixando de proporcionar a todos o reencontro com filmes representativos da nossa História, o programa tem em mente, assim, um outro público potencial: os nossos visitantes estrangeiros cinéfilos ou simplesmente curiosos desta manifestação da cultura e da arte portuguesa. Confrontando títulos e autores de épocas e registos diferentes, a regra é, acima de tudo, a da variação, assim como a do desafio a um conhecimento mais vasto por parte de outros públicos.

► [Sala Luís de Pina | Ter. \[5\] 22:00](#)

O PÁTIO DAS CANTIGAS

de Francisco Ribeiro

com Maria das Neves, António Silva, Vasco Santana, Ribeirinho Portugal, 1942 – 105 min / legendado em francês | M/12

Produzido durante o chamado período de ouro da “comédia portuguesa” que foi criada sob alçada do Estado Novo, O PÁTIO DAS CANTIGAS, e muito pela representação da pequena e típica vida lisboeta, no bairro de Alfama, e pelo talento de figuras emblemáticas como Vasco Santana e António Silva, tornou-se num dos filmes mais representativos da sua época e do esforço de criação que foi realizado, na altura, para um cinema português popular que representasse a típica vida portuguesa.

► [Sala Luís de Pina | Qua. \[6\] 22:00](#)

O ACTO DA PRIMAVERA

de Manoel de Oliveira

com habitantes da aldeia da Curalha

Portugal, 1962 – 90 min / legendado em francês | M/12

Também programado na retrospectiva “Luís Miguel Cintra: o Cinema” com uma segunda passagem, em versão original, a 29, às 21h30 (ver entrada respetiva).

► [Sala Luís de Pina | Qui. \[7\] 22:00](#)

DOMINGO À TARDE

de António de Macedo

com Isabel de Castro, Ruy de Carvalho, Isabel Ruth

Portugal, 1965 – 93 min / legendado em francês | M/12

Título marcante do Cinema Novo Português, DOMINGO À TARDE é o terceiro filme, depois de OS VERDES ANOS (Paulo Rocha, 1963) e BELARMINO (Fernando Lopes, 1964), a ser produzido por António da Cunha Telles e, como estes, um filme perfeitamente inserido nas tendências do novo cinema dos anos sessenta. “[Um] gosto de experimentar, cinema de montagem intenso, sincopado, (...) de inserir teoria dentro da ação fílmica” (Luís de Pina) são algumas das características desta obra amarga e sóbria, situada no meio hospitalar e que inclui o segmento de um filme fantástico que indica a dimensão experimental da obra futura de Macedo. Com argumento baseado no romance de Fernando Namora, a primeira longa-metragem de António de Macedo foi selecionada para a secção competitiva do Festival de Veneza de 1965.

► [Sala Luís de Pina | Ter. \[12\] 22:00](#)

O LUGAR DO MORTO

de António-Pedro Vasconcelos

com Ana Zanatti, Pedro Oliveira, Lídia Franco, Teresa Madruga, Manuela de Freitas

Portugal, 1984 – 122 min / legendado em francês | M/12

O LUGAR DO MORTO é um título incontornável da filmografia portuguesa da década de oitenta e que marcou, como um assinalável êxito comercial, os elementos do policial e do thriller no cinema português. É também um filme indissociável dos atores que compõem os protagonistas: Ana Zanatti, no papel de uma misteriosa vampe, e Pedro Oliveira, um jornalista que testemunha acidentalmente um crime nos meandros do qual se enreda, seduzido por ela.

► [Sala Luís de Pina | Qua. \[13\] 22:00](#)

O FIO DO HORIZONTE

de Fernando Lopes

com Claude Brasseur, Andrea Ferreol, Ana Padrão

Portugal, França, 1993 – 91 min / legendado em inglês | M/12

Nesta adaptação do romance de Antonio Tabucchi, Fernando Lopes revela-nos uma Lisboa escura e melancólica, à margem dos clichés e inspirada em Cesário Verde. Entre o thriller e o fantástico, O FIO DO HORIZONTE mostra-nos um homem confrontado com a imagem da sua própria morte. “Encontramos uma Lisboa (...) ambigualmente realista. ‘Realista’, porque todos estes lugares são reconhecíveis (...) mas ambígua porque esta Lisboa, raramente ou nunca filmada ‘em plano geral’, surge cerrada, misteriosa, (...) Uma Lisboa, enfim, filmada como inesgotável fonte de narrativas” (Luís Miguel Oliveira). Foi a segunda colaboração entre Lopes e António da Cunha Telles, produtor de BELARMINO (1964).

► [Sala Luís de Pina | Qui. \[14\] 22:00](#)

ADÃO E EVA

de Joaquim Leitão

com Maria de Medeiros, Joaquim de Almeida, Ana Bustorff, Karra Elejalde

Portugal, Espanha, França, 1994 – 122 min / legendado em inglês | M/16

Um dos maiores sucessos comerciais de sempre do cinema português é, também, um retrato de um novo Portugal: uma sociedade que vive um “boom” económico, depois da entrada na então CEE, e que sente, pela primeira vez, os efeitos de um novo materialismo, de uma nova comunicação nas suas imagens (com a chegada da televisão privada ao país), e de todo o seu efeito nas suas relações íntimas e políticas. ADÃO E EVA junta, também, uma das duplas mais conhecidas do cinema português: Maria de Medeiros e Joaquim de Almeida.

► [Sala Luís de Pina | Ter. \[19\] 22:00](#)

VAI E VEM

de João César Monteiro

com João César Monteiro, Rita Pereira Marques, Joaquina Chicau, Manuela de Freitas, Lígia Soares, José Mora Ramos, Rita Durão, Maria do Carmo Rolo, Miguel Borges, Rita Loureiro

Portugal, 2003 – 175 min / legendado em francês | M/16

João Vuvu é a última personagem de João César Monteiro. Como ele próprio disse: “salvaguardadas as devidas diferenças, há duas referências cinematográficas marcantes: THE FATAL GLASS OF BEER de W.C. Fields e MONSIEUR VERDOUX de Charles Chaplin”. A sinopse também esclarece que “pouco ou nada sociável, o senhor João Vuvu efetua diariamente o seu passeio no autocarro nº 100, repetindo infatigavelmente o mesmo trajeto: no sentido ascendente entre a Praça das Flores e o Jardim do Príncipe Real e, no sentido descendente, até ao ponto de partida e subsequente regresso a casa”. Um filme de despedida com um último plano inesquecível: um olho em grande plano longamente filmado a encarar de frente o espectador.

► [Sala Luís de Pina | Qua. \[20\] 22:00](#)

NOITE ESCURA

de João Canijo

com Beatriz Batarda, Cleia Almeida, Fernando Luís, Rita Blanco, Anabela Moreira

Portugal, 2004 – 94 min / legendado em inglês | M/16

NOITE ESCURA é um dos filmes mais emblemáticos de todo o trabalho de João Canijo: obras realistas, escritas em colaboração com os seus atores, e cujo tom da direção nunca recusa um retrato cru, duro e honesto da vida portuguesa mais profunda (e, por vezes, desconhecida). Aqui, a sua família de atores junta-se para recriar uma tragédia (inspirada em Eurípides), vivida num bar de alterne, à beira da estrada, que divide a família das personagens que trabalham nele.

► [Sala Luís de Pina | Seg. \[25\] 22:00](#)

A ZONA

de Sandro Aguilár

com Isabel Abreu, António Pedroso, Cátia Afonso

Portugal, 2008 – 99 min / legendado em inglês | M/16

Sandro Aguilár, que acaba de assinar a sua segunda longa-metragem (MARIPHASA, 2017), tem construído o seu trabalho, essencialmente, no formato da curta-metragem, um espaço onde tem desenhado uma linguagem original e inimitável: um cinema que filma a interação entre os corpos e os lugares que eles habitam, a sua respiração e o efeito das coisas sobre nós, e as diferentes zonas que se criam, no nosso mundo, para seguirmos os nossos desejos e experiências. É, por isso, um dos mais importantes e influentes cineastas experimentais do cinema português.

► [Sala Luís de Pina | Qua. \[27\] 22:00](#)

ÁGUAS MIL

de Ivo M. Ferreira

com Gonçalo Waddington, Adelaide João, Cândido Ferreira, Hugo Tourita, Joana Seixas, Lídia Franco

Portugal, 2009 – 85 min / legendado em inglês | M/12

Sob influência do trabalho de José Álvaro Morais (e da presença do teatro nos seus filmes), Ivo M. Ferreira lança-se na história íntima de uma jovem personagem (e da busca pelo seu pai) para traçar a história política recente de um país: nomeadamente, o 25 de Abril e as lutas e resistências armadas que surgiram à volta dele. Em ÁGUAS MIL, o autor de CARTAS DA GUERRA mostra-se como um dos cineastas mais atentos às histórias secretas que foram marcando, política e sentimentalmente, a história de Portugal no século XX.

IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO)

No espaço mensal desta rubrica regular da programação propomos olhar uma área específica de atividade de uma das principais produtoras de animação dos últimos 25 anos, a Pixar, com uma mostra de oito curtas-metragens; e um programa bastante completo da obra de Paulo d’Alva, um cineasta português que tem vindo a afirmar a enorme valia da sua obra.

► [Sala Luís de Pina | Qua. \[13\] 18:30](#)

LIFTED

Rapinado

de Gary Rydstrom

Estados Unidos, 2006 – 5 min / legendado em português

PRESTO

Presto Digiogatione e o seu Chapéu Mágico

de Doug Sweetland

Estados Unidos, 2008 – 5 min / legendado em português

PARTLY CLOUDLY

Parcialmente Nublado

de Peter Sohn

Estados Unidos, 2009 – 6 min / legendado em português

DAY & NIGHT

Dia & Noite

de Teddy Newton

Estados Unidos, 2010 – 6 min / legendado em português

HAWAIIAN VACATION

Férias Hawaianas

de Gary Rydstrom

Estados Unidos, 2011 – 6 min / legendado em português

LA LUNA

La Luna

de Enrico Casarosa

Estados Unidos, 2011 – 7 min / sem diálogos

SMALL FRY

O Pequeno Buzz

de Angus MacLane

Estados Unidos, 2011 – 7 min / legendado em português

PARTY CENTER

Festódromo

de Kelsey Mann

Estados Unidos, 2014 – 5 min / legendado em português

duração total da projeção: 47 min | M/6

Quem não perde uma longa-metragem de animação da Pixar, a companhia que começou como uma subsidiária da Lucasfilm, foi adquirida por Steve Jobs e mais tarde, já sob a direção de John Lasseter, seria integrada no grupo Disney, sabe que não pode chegar atrasado à sessão. É que, a partir de certa altura, as produções de fundo da companhia passaram a ser antecedidas por uma curta-metragem de animação. O alinhamento da sessão propõe oito desses títulos, sendo que os dois últimos acompanharam de facto longas-metragens de outra “marca” que pertence agora à Disney, os lendários Marretas. Cinco destes títulos foram nomeados para o Óscar de Melhor Curta de Animação. Primeiras exposições na Cinemateca.

► [Sala Luís de Pina | Seg. \[18\] 18:30](#)

FILMES DE PAULO D’ALVA

A NOITE CHEIRAVA MAL

Portugal, 1998 – 6 min

A BÍBLIA NA ARTE

Portugal, 2001 – 8 min

VASCULARIDADE

Portugal, 2001 – 1 min

CARDIOVASCULARIDADE

Portugal, 2001 – 1 min

CARRO PRETO, CARRO BRANCO

Portugal, 2008 – 9 min

A GRANDE VIAGEM

Portugal, 2009 – 8 min

CARROTOPE

Portugal, 2013 – 8 min

FIM DE LINHA

Portugal, 2016 – 12 min

duração total da projeção: 53 min | M/6

com a presença de Paulo d’Alva

Paulo d’Alva é licenciado em artes plásticas pela ESAP, a Escola Superior Artística do Porto e mestre em ensino das artes visuais pela Universidade de Aveiro. Começou a trabalhar em animação

SALA LUÍS DE PINA / ESPLANADA

nas produções do Cineclube de Avanca, estreando o seu primeiro trabalho a solo em 1998 – A NOITE CHEIRAVA MAL participa em mais de uma centena de festivais em todo o mundo conquistando mais de uma dezena de prémios. É membro fundador da associação cinematográfica de Ovar, Panorâmica, onde foi responsável pelo ateliê de animação, atividade que exerce regularmente. Realizou ainda spots publicitários, pequenas animações para televisão e vídeos pedagógicos de animação, numa obra integralmente produzida fora dos grandes centros, e que, de uma forma ou de outra, reflete também a sua regionalidade. O seu último trabalho, FIM DE LINHA, está neste momento a participar no circuito dos festivais internacionais, tendo sido já várias vezes premiado. Primeiras exposições na Cinemateca.

HISTÓRIA PERMANENTE DO CINEMA PORTUGUÊS

Em setembro, exibimos uma obra pouco vista (a última apresentação na Cinemateca data de 1990) de um ator e realizador que dividiu a sua carreira, nos anos sessenta e setenta, entre várias obras de ficção, documentário e televisão: Luís Couto (1937-2007).

► Sala Luís de Pina | Sex. [15] 18:30

LERPAR

de Luís Couto

com José Maria Roumier, Maria do Céu Guerra, Adelaide João, Isabel de Castro, Henrique Espírito Santo

Portugal, 1975 – 96 min | M/12

Filmada em democracia, a primeira longa-metragem de Luís Couto recua aos tempos do estertor da ditadura portuguesa: LERPAR baseia-se em factos verídicos ocorridos em 1973 (conforme clarifica uma legenda inicial), seguindo a deambulação de um mecânico desempregado, por uma Lisboa cinzenta, que conhece uma rapariga de uma família proprietária alentejana cuja vida luxuosa tem, por reverso da medalha, a exploração do operariado rural.

COM A LINHA DE SOMBRA

O diálogo entre a programação e a livraria Linha de Sombra conta este mês com a apresentação de uma sessão de quatro fotofilmes do escritor de origem alemã Hubert Fichte (1935-1986) e da fotógrafa Leonore Mau (1916-2013). A iniciativa é organizada em colaboração com a Maumaus / Lumiar Cité, de quem partiu a proposta, o Goethe Institut Portugal e a Haus der Kulturen der Welt, e tem lugar no contexto do lançamento da edição portuguesa, pela Cotovia (tradução de José Maria Vieira Mendes), *De Eine Glückliche Liebe / Um Amor Feliz*, de Hubert Fichte, na Linha de Sombra, e da inauguração da exposição coletiva *"Mistake! Mistake said the rooster... and stepped down from the duck"*, no espaço Lumiar Cité (a 23, às 17 horas). Antecedendo a sessão de dia 22, às 18h30, na sala Luís de Pina, a apresentação do livro na Linha de Sombra far-se-á no espaço da livraria, às 17 horas, numa conversa que conta com as participações dos investigadores Dierich Diederichsen e Manuela Ribeiro Sanches e será moderada por Jürgen Bock (Maumaus/Lumiar Cité).

► Sala Luís de Pina | Sex. [22] 18:30

QUATRO FOTOFILMES DE HUBERT FICHTE E LEONORE MAU

DER TAG EINES UNSTÄNDIGEN HAFENARBEITERS

"O Dia de um Estivador Precário"

de Hubert Fichte, Leonore Mau

Alemanha, 1966 – 13 min / legendado em português

DER FISCHMARKT UND DIE FISCHER

"A Lota e os Peixes"

de Hubert Fichte, Leonore Mau

Alemanha, 1968 – 9 min / legendado em português

DIE SPANISCHE TREPPE

"A Escadaria da Praça de Espanha"

de Hubert Fichte, Leonore Mau

Alemanha, 1970 – 10 min / legendado em português

ZWEI MAL 45 BILDER / SÄTZE AUS AGADIR

"Duas Vezes 45 Imagens / Frases de Agadir"

de Hubert Fichte, Leonore Mau

Alemanha, 1971 – 10 min / legendado em português

duração total da projeção: 42 min | M/12

sessão apresentada por Dierich Diederichsen, em inglês

O escritor Hubert Fichte e a fotógrafa Leonore Mau viveram, viajaram e trabalharam juntos em cinema na realização de fotofilmes em que é decisiva a experiência da viagem, durante as quais Fichte escreveu vários dos seus romances e Mau fotografou. Portugal foi um dos destinos de ambos em 1964 – DER FISCHMARKT UND DIE FISCHER, vem dessa experiência portuguesa, em Sesimbra, compondo-se de imagens do seu quotidiano piscatório. DER TAG EINES UNSTÄNDIGEN HAFENARBEITERS retrata um estivador que Fichte conheceu e por quem se interessou. DIE SPANISCHE TREPPE explora o ambiente das escadarias da Praça de Espanha romana. ZWEI MAL 45 BILDER / SÄTZE AUS AGADIR parte de uma visita à cidade marroquina em 1968, que fora devastada por um terramoto oito anos antes. À exceção do filme com imagens de Sesimbra, os títulos apresentados são primeiras exposições na Cinemateca.

CINEMA NA ESPLANADA

A temporada de Cinema na Esplanada às sextas-feiras e sábados de setembro, às 22h30, em projeções ao ar livre em 35 mm, é dedicada à cidade, com nove sessões do programa "O Cinema e a Cidade". Com a única exceção da primeira sessão, organizada em colaboração com o MOTELX para dar a ver EL VAMPIRO de Fernando Méndez.

► Esplanada | Sex. [1] 22:30

A CINEMATECA COM O MOTELX | O ESTRANHO MUNDO DO TERROR LATINO

EL VAMPIRO

de Fernando Méndez

com Abel Salazar, Ariadna Welter, Carmen Montejo, German Robles

México, 1957 – 83 min / legendado eletronicamente em português | M/14

Ver entrada "A Cinemateca com o MOTELX".

► Esplanada | Sáb. [2] 22:30

O CINEMA E A CIDADE

IL GIORNO DELLA PRIMA DI CLOSE UP

de Nanni Moretti

com Nanni Moretti

Itália, 1996 – 7 min / legendado eletronicamente em português

PLAYTIME

Playtime - Vida Moderna

de Jacques Tati

com Jacques Tati, Barbara Dennek

França 1967 – 155 min / legendado em português

duração total da projeção: 162 min | M/12

Ver entrada "O Cinema e a Cidade".

► Esplanada | Sex. [8] 22:30

O CINEMA E A CIDADE

PARIS VU PAR

Paris Visto Por...

de Jean Douchet, Jean Rouch, Jean-Daniel Pollet, Eric Rohmer,

Jean-Luc Godard, Claude Chabrol

com Barbet Schroeder, Stéphane Audran,

Claude Melki, Claude Chabrol

França, 1965 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ver entrada "O Cinema e a Cidade".

► Esplanada | Sáb. [9] 22:30

O CINEMA E A CIDADE

ROMA

Roma de Fellini

de Federico Fellini

com Federico Fellini, Peter Gonzalez Falcon, Stefano Mayor

Itália, 1972 – 125 min / legendado em espanhol | M/12

Ver entrada "O Cinema e a Cidade".

► Esplanada | Sex. [15] 22:30

O CINEMA E A CIDADE

BLADE RUNNER

Perigo Iminente

de Ridley Scott

com Harrison Ford, Rutger Hauer, Sean Young, Daryl Hannah

Estados Unidos, 1982 – 117 min / leg. eletronicamente em português | M/12

Ver entrada "O Cinema e a Cidade".

► Esplanada | Sáb. [16] 22:30

O CINEMA E A CIDADE

TAXI DRIVER

Taxi Driver

de Martin Scorsese

com Robert de Niro, Cybill Shepherd, Jodie Foster,

Harvey Keitel, Peter Boyle

Estados Unidos, 1976 – 113 min / legendado em espanhol | M/16

Ver entrada "O Cinema e a Cidade".

► Esplanada | Sex. [22] 22:30

O CINEMA E A CIDADE

THE THIRD MAN

O Terceiro Homem

de Carol Reed

com Joseph Cotten, Alida Valli, Orson Welles, Trevor Howard

Reino Unido, 1949 – 104 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Ver entrada "O Cinema e a Cidade".

► Esplanada | Sáb. [23] 22:30

O CINEMA E A CIDADE

MANHATTAN

Manhattan

de Woody Allen

com Woody Allen, Diane Keaton, Michael Murphy,

Mariel Hemingway, Meryl Streep

Estados Unidos, 1979 – 96 min / legendado em português | M/12

Ver entrada "O Cinema e a Cidade".

► Esplanada | Sex. [29] 22:30

O CINEMA E A CIDADE

OS VERDES ANOS

de Paulo Rocha

com Isabel Ruth, Rui Gomes, Ruy Furtado, Paulo Renato

Portugal, 1963 – 85 min | M/12

Ver entrada "O Cinema e a Cidade".

► Esplanada | Sáb. [30] 22:30

O Cinema e a Cidade

MAHANAGAR

"A Grande Cidade"

de Satyajit Ray

com Anail Chatterjee, Madhabi Mukherjee

Índia, 1963 – 136 min / legendado em português | M/12

Ver entrada "O Cinema e a Cidade".

1 SEXTA-FEIRA

- 15H30 | SMFR | IN MEMORIAM JEANNE MOREAU
JULES ET JIM
François Truffaut
- 19H00 | SMFR | A CINEMATECA COM O MOTELX | O ESTRANHO MUNDO DO TERROR LATINO
À MEIA-NOITE LEVAREI SUA ALMA
José Mojica Marins
- 21H30 | SMFR | O QUE QUERO VER
VAGHE STELLE DELL'ORSA
Luchino Visconti
- 22H30 | ESPLANADA | A CINEMATECA COM O MOTELX | O ESTRANHO MUNDO DO TERROR LATINO
EL VAMPIRO
Fernando Méndez

2 SÁBADO

- 15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
MONSTER HOUSE
Gil Kenan
- 15H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
MANHATTA
Paul Strand, Charles Sheeler
METROPOLIS
Fritz Lang
- 18H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
LOS ANGELES PLAYS ITSELF
Thom Andersen
- 22H30 | ESPLANADA | O CINEMA E A CIDADE
IL GIORNO DELLA PRIMA DI CLOSE UP
Nanni Moretti
PLAYTIME
Jacques Tati

4 SEGUNDA-FEIRA

- 15H30 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA | CARTA BRANCA
PLAYTIME
Jacques Tati
- 18H00 | SLP | HISTÓRIAS DO CINEMA: PETER BAGROV / FRIDRIHK ERMLER
KATKA-BUMAJHNY RANET
"Katka, a Vendedora de Maçãs"
Fridrihk Ermler, Eduard Loganson
- 19H00 | SMFR | A CINEMATECA COM O MOTELX | O ESTRANHO MUNDO DO TERROR LATINO
QUIEN PUEDE MATAR A UN NIÑO?
Narciso Ibañez Serrador
- 21H30 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO
João César Monteiro
NEM PÁSSARO NEM PEIXE
Solveig Nordlund

5 TERÇA-FEIRA

- 15H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
ROMA
Federico Fellini
- 18H00 | SLP | HISTÓRIAS DO CINEMA: PETER BAGROV / FRIDRIHK ERMLER
OBLOMOK IMPERII
"Um Fragmento do Império"
Fridrihk Ermler
- 19H00 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
TOKYO MONOGATARI
Yasujiro Ozu
- 21H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
NADJA A PARIS
LE SIGNE DU LION
Eric Rohmer
- 22H00 | SLP | FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS
O PÁTIO DAS CANTIGAS
Francisco Ribeiro

6 QUARTA-FEIRA

- 15H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
TOKYO MONOGATARI
Yasujiro Ozu
- 18H00 | SLP | HISTÓRIAS DO CINEMA: PETER BAGROV / FRIDRIHK ERMLER
KRETYANE
"Camponeses"
Fridrihk Ermler

19H00 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA

- UMA PEDRA NO BOLSO**
Joaquim Pinto
- 21H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
MANHATTA
Paul Strand, Charles Sheeler
RIEN QUE LES HEURES
Alberto Cavalcanti
BERLIN, DIE SYMPHONIE DER GROSSTADT
Walter Ruttmann
- 22H00 | SLP | FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS
O ACTO DA PRIMAVERA
Manoel de Oliveira

7 QUINTA-FEIRA

- 15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR | A JÚNIOR COM O MOTELX – SUSTOS CURTOS
Programa I
- 15H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
MANHATTA
Paul Strand, Charles Sheeler
METROPOLIS
Fritz Lang
- 18H00 | SLP | HISTÓRIAS DO CINEMA: PETER BAGROV / FRIDRIHK ERMLER
ONA ZASH CHISH CHAYET
"Ela Defende a sua Pátria"
Fridrihk Ermler
- 19H00 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
LONDON
Patrick Keiller
- 21H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
ASNEOBICHAINIE PRIKLIUCHENIA MISTERA VESTA VB STRANE BOLSHEVIKOV
"As Aventuras Extraordinárias de Mr. West no País dos Bolchevistas"
Lev Kulechov
- 22H00 | SLP | FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS
DOMINGO À TARDE
António de Macedo

8 SEXTA-FEIRA

- 15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR | A JÚNIOR COM O MOTELX – SUSTOS CURTOS
Programa II
- 15H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
NADJA A PARIS
LE SIGNE DU LION
Eric Rohmer
- 18H00 | SLP | HISTÓRIAS DO CINEMA: PETER BAGROV / FRIDRIHK ERMLER
PERED SUDOM ISTORII
"Diante do Julgamento da História"
Fridrihk Ermler
- 19H00 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
O SANGUE
Pedro Costa
- 21H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
BRONENOSETS POTIOMKINE
O Couraçado Potemkine
Sergei M. Eisenstein
- 22H30 | ESPLANADA | O CINEMA E A CIDADE
PARIS VU PAR
vários realizadores

9 SÁBADO

- 15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR | A JÚNIOR COM O MOTELX – SUSTOS CURTOS
Programa I
- 15H30 | SMFR | DOUBLE BILL
DON'T BOTHER TO KNOCK
Roy Ward Baker
FATHER WAS A FULLBACK
John M. Stahl
- 21H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
OKTIABR
Outubro
Sergei M. Eisenstein
- 22H30 | ESPLANADA | O CINEMA E A CIDADE
ROMA
Federico Fellini

11 SEGUNDA-FEIRA

- 15H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
DR ZHIVAGO
Dr. Jivago
David Lean

18H30 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA | CARTA BRANCA

- MAMMA ROMA**
Pier Paolo Pasolini
- 19H15 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
SILVESTRE
João César Monteiro
- 21H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
PADENIE DINASTY ROMANOVICHT
"A Queda da Dinastia Romanov"
Esther Chub
REVOLUCIONER
"O Revolucionário"
Evgueni Bauer
- 22H00 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
A RAÍZ DO CORAÇÃO
Paulo Rocha

12 TERÇA-FEIRA

- 15H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
BLADE RUNNER
Ridley Scott
- 18H30 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA | CARTA BRANCA
ROMA, CITTÀ APERTA
Roberto Rossellini
- 19H00 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
THE DUBAI IN ME
Christian Von Borries
- 21H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
TOMBÉE DE NUIT SUR SHANGHAI
Chantal Akerman
ER SHI SI CHENG JI KA / 24 CITY
Jia Zhangke
- 22H00 | SLP | FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS
O LUGAR DO MORTO
António-Pedro Vasconcelos

13 QUARTA-FEIRA

- 15H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
CHAPAIEV
Sergei Vassiliev, Guiorgi Vassiliev
- 18H30 | SLP | IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO)
CURTAS-METRAGENS PIXAR
vários realizadores
- 19H00 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
AQUI NA TERRA
João Botelho
- 21H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
BRASÍLIA, CONTRADIÇÕES DE UMA CIDADE NOVA
Joaquim Pedro de Andrade
A CIDADE É UMA SÓ
Adirley Queirós
VACANCY
Matthias Müller
- 22H00 | SLP | FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS
O FIO DO HORIZONTE
Fernando Lopes

14 QUINTA-FEIRA

- 15H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
TAXI DRIVER
Martin Scorsese
- 18H00 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
HOJE ESTREIA
Fernando Lopes
VAMOS AO NIMAS
Lauro António
A CIDADE DE CASSIANO
Edgar Pêra
- 18H30 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
THE DANCER UPSTAIRS
John Malkovich
- 21H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
DVADTSAT SHEST KOMISSAROV
"Os 26 Comissários de Baku"
Nikolai Chenguelia
- 22H00 | SLP | FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS
ADÃO E EVA
Joaquim Leitão

15 SEXTA-FEIRA

- 15H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
KNIGHT WITHOUT ARMOUR
Jacques Feyder

18H30 | SLP | HISTÓRIA PERMANENTE DO CINEMA PORTUGUÊS
LERPAR
Luís Couto

19H00 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA | CARTA BRANCA / IN MEMORIAM JEANNE MOREAU
THE IMMORTAL STORY
Orson Welles

21H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
DR ZHIVAGO
Dr. Jivago
David Lean

22H30 | ESPLANADA | O CINEMA E A CIDADE
BLADE RUNNER
Ridley Scott

16 SÁBADO

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
E.T., THE EXTRA-TERRESTRIAL
Steven Spielberg

15H30 | SMFR | DOUBLE BILL
A STAR IS BORN
George Cukor
THE WOMAN ON THE BEACH
Jean Renoir

21H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
CHAPAIEV
Sergei Vassiliev, Guiorgi Vassiliev

22H30 | ESPLANADA | O CINEMA E A CIDADE
TAXI DRIVER
Martin Scorsese

18 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
ARSENAL
Aleksandr Dovjenko

18H30 | SLP | IMAGEM POR IMAGEM (CINEMA DE ANIMAÇÃO)
FILMES DE PAULO D'ALVA

19H00 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
ENCONTRO | LUIS MIGUEL CINTRA E O CINEMA

21H30 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
SESSÃO DE HOMENAGEM
QUEM ESPERA POR SAPATOS DE DEFUNTO MORRE DESCALÇO
João César Monteiro
A POUSADA DAS CHAGAS
Paulo Rocha

19 TERÇA-FEIRA

15H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
THE THIRD MAN
Carol Reed

18H30 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA | CARTA BRANCA
A STAR IS BORN
George Cukor

19H00 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
HELSINKI, IKUISESTI
"Para Sempre Helsínquia"
Peter von Bagh

21H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
MAT
A Mãe
Vsevolod Pudovkine

22H00 | SLP | FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS
VAI E VEM
João César Monteiro

20 QUARTA-FEIRA

15H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
BRITISH AGENT
Michael Curtiz

18H30 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
TRANSATLANTIQUE
Christine Laurent

19H00 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
ARSENAL
Aleksandr Dovjenko

21H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
EN CONSTRUCCION
José Luis Guerin

22H00 | SLP | FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS
NOITE ESCURA
João Canijo

21 QUINTA-FEIRA

15H30 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
MANHATTAN
Woody Allen

18H30 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
A CAIXA
Manoel de Oliveira

19H00 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
BRITISH AGENT
Michael Curtiz

21H30 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
PEIXE LUA
José Álvaro Morais

22 SEXTA-FEIRA

15H30 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA | CARTA BRANCA
THE SEVEN YEAR ITCH
Billy Wilder

18H30 | SLP | COM A LINHA DE SOMBRA
QUATRO FOTOFILMES DE HUBERT FICHTE E LEONORE MAU

19H00 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
KNIGHT WITHOUT ARMOUR
Jacques Feyder

21H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
YOUNEST MAXIMA
"A Juventude de Máximo"
Grigori Kozintsev, Illya Trauberg

22H30 | ESPLANADA | O CINEMA E A CIDADE
THE THIRD MAN
Carol Reed

23 SÁBADO

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
KING KONG
Peter Jackson

15H30 | SMFR | DOUBLE BILL
THE GAY DIVORCEE
Mark Sandrich
POCKETFUL OF MIRACLES
Frank Capra

21H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
VOSRACHTCHENIÉ MAXIMA
"O Regresso de Máximo"
Grigori Kozintsev, Illya Trauberg

22H30 | ESPLANADA | O CINEMA E A CIDADE
MANHATTAN
Woody Allen

25 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
YOUNEST MAXIMA
"A Juventude de Máximo"
Grigori Kozintsev, Illya Trauberg

18H30 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
O NOVO TESTAMENTO DE JESUS CRISTO SEGUNDO JOÃO
Joaquim Pinto, Nuno Leonel

19H00 | SMFR | HOMENAGEM A DELFIM SANTOS
SIE FANDEN EINE HEIMAT
Aldeia Branca
Leopold Lindtberg

21H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
VYBORGSKAYA STORONA
"O Quarteirão de Vyborg"
Grigori Kozintsev, Illya Trauberg

22H00 | SLP | FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS
A ZONA
Sandro Aguilar

26 TERÇA-FEIRA

15H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
VOSRACHTCHENIÉ MAXIMA
"O Regresso de Máximo"
Grigori Kozintsev, Illya Trauberg

18H30 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
ERROS MEUS
Jorge Cramez
TODAS HIEREN
Pablo Llorca

19H00 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
BRONENOSETS POTEMKIN / PANZERKREUZER POTEMKIN
O Couraçado Potemkine – versão de 1930
Sergei M. Eisenstein

SHESTAYA CHAST MIRA
"A Sexta Parte do Mundo"
Dziga Vertov

21H30 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
A ILHA DOS AMORES
Paulo Rocha

27 | QUARTA-FEIRA

15H30 | SMFR | 1917 NO ECRÃ
VYBORGSKAYA STORONA
"O Quarteirão de Vyborg"
Grigori Kozintsev, Illya Trauberg

18H30 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
O DESTINO DO SR. SOUSA
João Constâncio
DIAS COLOR NARANJA
Pablo Llorca

19H00 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA | CARTA BRANCA
THE BIRDS
Alfred Hitchcock

21H30 | SMFR | ANTE-ESTREIAS
COMBOIO DE SAL E AÇÚCAR
Licínio de Azevedo

22H00 | SLP | FILMES PORTUGUESES LEGENDADOS
ÁGUAS MIL
Ivo M. Ferreira

28 | QUINTA-FEIRA

18H30 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
DAQUI PRÁ FRENTE
Catarina Ruivo

19H00 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
LA MORTE ROUGE
Victor Erice
BU SAN / GOODBYE, DRAGON INN
Tsai Ming-liang

21H30 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA | CARTA BRANCA
LE CARROSSE D'OR
Jean Renoir

29 | SEXTA-FEIRA

18H30 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?
Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo

19H00 | SMFR | O CINEMA E A CIDADE
CHACUN SON CINÉMA
vários realizadores

21H30 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA | CARTA BRANCA
O ACTO DA PRIMAVERA
Manoel de Oliveira

22H30 | ESPLANADA | O CINEMA E A CIDADE
OS VERDES ANOS
Paulo Rocha

30 | SÁBADO

11H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR | ATELIER FAMÍLIA
AS TÉCNICAS DO CINEMA DE ANIMAÇÃO I - RECORTES

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR
MONONOKE HIME
Princesa Monoke
Hayao Miyazaki

15H00 | SLP | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA
LE SOULIER DE SATIN
Manoel de Oliveira

15H30 | SMFR | DOUBLE BILL
INTO THE NIGHT
John Landis
CRASH
David Cronenberg

21H30 | SMFR | LUIS MIGUEL CINTRA: O CINEMA | CARTA BRANCA
DISHONORED
Josef von Sternberg

22H30 | ESPLANADA | O CINEMA E A CIDADE
MAHANAGAR
"A Grande Cidade"
Satyajit Ray

cinemateca

rua Barata Salgueiro, 39 | 1269-059 Lisboa, Portugal
tel.: 21 359 62 00 | fax: 21 352 31 80
cinemateca@cinemateca.pt | www.cinemateca.pt